

SET OUT
NOV DEZ
2011

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO SET-DEZ 2011

Set-Dez 2011

Dois irmãos viviam na América rural. Em crianças adoravam fazer paródias dos seus filmes preferidos, filmes de acção, com Van Damme. Cresceram, separaram-se e, 20 anos depois, voltam a encontrar-se e constroem um espectáculo recriando os filmes de que tanto tinham gostado. Agora vistos através de uma lente com 20 anos de desgaste físico e emocional. *O teu irmão. Lembras-te?* é o espectáculo de teatro com que abrimos a programação deste final de ano. Sobre ele disse o crítico da *New York Theater Review*: “intelectualmente complexo mas emocionalmente simples (...) é uma peça comvente de teatro experimental”.

Começamos com um excelente espectáculo de teatro, concluímos, em Dezembro, com um exaltante espectáculo de dança. A dupla Montalvo-Hervieu, que já nos deu tantos momentos maravilhosos, vem ao nosso auditório com *Orfeu*, uma leitura deste mito a meio caminho entre a ópera e a comédia musical, misturando vídeo como só aquela dupla sabe fazer, hip hop, dança contemporânea e africana, canto e até dança sobre andas ou com muletas. Não perca, porque é o último espectáculo criado em conjunto por estes dois coreógrafos que com ele põem termo a 30 anos de colaboração. Os mais novos também se vão encantar.

Para toda a família é ainda o espectáculo de novo circo *PSY*, da companhia canadiana Les 7 doigts de la main. É um hino à alegria, à coragem e ao poder que dormem em nós e nos permitem ultrapassar os nossos limites, contado através de arrobatadores número de circo: trapézio, acrobacia, malabarismo, forças combinadas, roda alemã, mastro chinês...

Dois excepcionais concertos de jazz em torno do piano podem ser vistos no Grande Auditório. Abdullah Ibrahim, um dos maiores do piano jazz, apresenta-se a solo, talvez a fórmula mais estimulante de ouvir a sua arte. Vijay Iyer é unanimemente considerado um dos mais conceituados pianistas da sua geração. O concerto que vem fazer com o seu trio gira em torno do CD *Historicity*, de 2009, um dos mais aclamados álbuns da década.

No Pequeno Auditório prossegue o ciclo “Isto é Jazz?” com mais dois concertos.

O da dupla de guitarristas Manuel Mota e Noël Akchoté e o do quarteto Wildlife de Joe Morris.

E na Sala 2 continua o ciclo de *performances*/instalações, *Vinte e sete sentidos*, organizado pela Granular. Poderemos ver trabalhos, em que estão sempre presentes a electrónica e a pesquisa, de Marc Behrens, Nuno Mourão e Vitor Joaquim, e Diogo Tudela.

Continuando a falar de ciclos, vamos ter os dois últimos “Concertos no Palco”. Adolfo Gutiérrez no violoncelo e Luis Fernando Pérez ao piano, dois magníficos jovens músicos, interpretam um programa romântico com belas peças de Schumann, Barber, Rachmaninov e Piazzolla. Os cravistas Aapo Häkkinen e Marcos Magalhães tocam peças barrocas para dois cravos e uma obra nova de Mário Laginha, também para os dois instrumentos, encomenda da Culturgest.

O ciclo de concertos na Culturgest Porto comissariado por filho único, tem também as suas duas últimas apresentações: a guitarra e voz do americano Ben Chasny, e a surpresa da voz e piano de B Fachada, com dois concertos em dois dias seguidos.

Dois tem sido um número muito repetido neste texto. Pois dois serão os concertos de fado que vos propomos. António Zambujo constrói o seu espectáculo a partir do último disco, *Guia*, tão louvado pela crítica e tão bem recebido pelo público. António tem um modo único de cantar o fado e outras canções em que o fado está sempre presente. Nascido e criado no Alentejo, o cante alentejano foi uma das suas principais influências. Por isso sugerimos, e ele aceitou, que cantasse um pouco com o magnífico grupo da Aldeia Nova de São Bento.

De cada vez que lançou um disco, Aldina Duarte veio cantá-lo à Culturgest. Entre nós se estabeleceu uma relação de amizade fiel que nos enche de orgulho. Recentemente editou *Contos de Fados*, o seu melhor álbum e um dos melhores álbuns de fado dos últimos anos. Aqui vem, para nossa alegria, apresentá-lo ao público de Lisboa.

Voltemos onde começámos este texto, ao teatro. *Tristeza e Alegria na Vida das Girafas* é um espectáculo de Tiago Rodrigues baseado na história verídica de uma menina de nove anos que desapareceu um dia inteiro,

atravessou Lisboa sozinha, foi entrevistando muitos desconhecidos para um trabalho escolar que acabou por fazer sobre girafas, porque são mais fáceis de explicar do que as pessoas. Que mundo imaginam as crianças a partir das palavras que os adultos usam para o descrever?

enfant de Boris Charmatz, abriu o Festival de Avignon deste ano, e nele junta bailarinos adultos com crianças. “Um espectáculo poderoso”, segundo o crítico do *Libération*.

A Companhia 7273, do casal Laurence Yadi e Nicolas Cantillon, esteve na Culturgest em 2006 apresentando duas peças que foram um êxito. Voltam agora com *Romance-s*, uma coreografia sobre o amor entre homem e mulher, uma leitura da relação entre os corpos, espaço comum ao amor e à dança.

Integrado no Festival Temps d’Images vamos ter dois trabalhos da coreógrafa e bailarina Olga de Soto, uma precursora da pesquisa e recuperação da memória da dança do século XX. No primeiro trabalho desenvolve uma pesquisa, suscitada pela Culturgest em 2003, em torno de uma coreografia de Roland Petit; o segundo trabalho dá conta do estado actual da sua investigação sobre um bailado mítico de Kurt Joss e que virá a culminar num espectáculo de que somos co-produtores. Também integrado no mesmo Festival, Rita Natálio estreia *Não se vê que sou eu mas é um retrato*, uma ficção teatral e plástica a partir de encontros com portugueses dos 9 aos 90 anos.

Jorge Silva Melo, em quatro conferências que vão dar que falar, diz-nos que não gosta de críticos, de programadores, de ministros, secretários, chefes de gabinete, vereadores, assessores, directores-gerais em geral. Mas que gosta de actores.

Em colaboração com o Institute of Ideas de Londres, vamos debater o tema “Sobre que é o teatro?” com a ajuda de Angus Kennedy, Luis Miguel Cintra, José Maria Viera Mendes e Francisco Frazão. É tão raro debater ideias...

Organizado pelo CESEM da Universidade Nova, acolhemos, com muito gosto, um simpósio internacional sobre a obra de Emmanuel Nunes de quem se comemora o seu 70º aniversário.

Mário Moura, o nosso maior crítico de design, vem fazer seis conferências, uma por

mês, a começar em Novembro deste ano, que partem de um livro para falar de outros objectos, outros livros, exposições, filosofias, políticas, etc.

A meio de Dezembro o nosso Serviço Educativo vai organizar a segunda conferência internacional sobre o tema dos públicos e da mediação cultural. A primeira foi o ano passado e teve enorme êxito. Reflectir sobre estas questões é procurar trabalhar cada vez melhor a relação entre a arte e as pessoas.

Outubro é o mês do doclisboa que, desde 2004, tem aqui a sua sede. É sempre um momento alto da nossa programação pela qualidade dos filmes projectados, a afluência do público, a excelência da organização, as várias actividades paralelas, o ambiente festivo que se vive.

Uma grande exposição de 300 magníficos desenhos de José Loureiro, realizados entre 1990 e 1996, quase todos desconhecidos do público e que formam um corpo de trabalho fundamental na prática do artista naqueles anos, determinando para se poder compreender o que o levou da figuração para a abstracção, preenche as duas galerias de Lisboa. No Porto, e em parte coincidindo com a mostra de Lisboa, poderão admirar-se quatro novas pinturas do mesmo artista. Ainda no Porto, de Willem Oorebeek, vamos mostrar uma obra extraordinária realizada este ano.

Lembramos que abrimos em Fevereiro uma livraria especializada em arte contemporânea onde poderá encontrar, a preços especiais, obras criteriosamente seleccionadas com base numa pesquisa constante.

Uma palavra final para o objectivo que temos prosseguido, trabalhando com a Caixa Geral de Depósitos no âmbito do Programa Caixa Carbono Zero, para que a Culturgest seja um espaço CarbonoZero®. É um trabalho que se aperfeiçoa todos os dias. A partir do próximo ano vamos deixar de disponibilizar o parque de estacionamento nas noites de espectáculo. Com essa medida simples muito se poupa em electricidade. Se tem endereço de e-mail, podemos enviar-lhe por essa via toda a informação sobre a nossa actividade, de resto incluída no nosso site, em vez de lha remettermos em papel. Basta dizer-nos. O Planeta agradece.

Continuamos o nosso caminho. Mas agora sem deixar pegada.

Em 2010, a Caixa Geral de Depósitos deu início à concretização do compromisso Caixa Carbono Zero, compensando as emissões de gases com efeito de estufa associadas, entre outros, à Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, que desde 1993 gere os espaços culturais do Edifício Sede da CGD.

O Programa Caixa Carbono Zero é um projecto estratégico, transversal a toda a actividade do Banco e assumido ao mais alto nível da gestão, assente em cinco vectores de actuação: Informar, Reduzir, Compensar,

Desenvolver novos negócios e Comunicar.

A CGD foi a primeira instituição financeira portuguesa a aderir ao Carbon Disclosure Project (CDP), uma organização não-governamental que se apresenta como a referência na divulgação de informação sobre estratégias empresariais de resposta às alterações climáticas e que detém a maior base de dados mundial de emissões de carbono de empresas.

No universo Culturgest foi desenvolvido um conjunto alar-

gado de acções: inventariação das emissões de carbono associadas ao consumo de energia, tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões de carbono.

Desde 2008, as emissões de carbono da Culturgest têm decrescido progressivamente - cerca de 35%, também devido a factores naturais de produção de energia favoráveis. Novas medidas como a utilização de lâmpadas com maior eficiência energética, a instalação de sensores de presença em

zonas de passagem e armazéns/arrumos e a alteração do sistema de iluminação cénica do auditório continuarão a contribuir para a redução dos consumos de energia. Estas medidas permitem diminuir em cerca de 16.500 kWh/ano o consumo de electricidade, o equivalente ao consumo médio de cinco habitações, durante o mesmo período.

Tem existido também uma forte aposta na utilização de energias renováveis como é o caso da Central Solar Térmica instalada no topo do Edifício. Esta Central permite uma poupança de mais de 1 milhão de kWh de electricidade por ano, o equivalente a cerca de 1 kg de CO₂e por cada minuto de funcionamento.

Estas e outras medidas resultaram na atribuição de um Certificado de Desempenho Energético e de Qualidade do Ar Interior A+ a este edifício e na obtenção do Prémio EDP - Energia Eléctrica e Ambiente, uma iniciativa que distingue as empresas que demonstram ter conseguido otimizar a eficiência da energia eléctrica no respeito pelos valores do ambiente.

A preocupação com um consumo mais eficiente é transversal ao recurso água. Foi implementado um conjunto de medidas, das quais se podem destacar a instalação de redutores de caudal em mais de 600 torneiras do edifício e de equipamentos de lavagem de loiça que permitem a reciclagem de água na cantina. A redução de consumo, apenas no primeiro semestre de 2010, foi de 9.000m³ (9.000.000 litros).

A gestão correcta dos resíduos constitui mais um objectivo para a Culturgest. Sempre que possível, estes são devidamente encaminhados para soluções de valorização. Aliás, a gestão de resíduos dos espaços Culturgest é, na sua maioria, partilhada com o sistema de gestão global do edifício, cuja taxa de reciclagem se situa acima dos 90%. Assim, não só se garante a sua transformação em novos produtos, como se evita a emissão de mais de 470 toneladas de carbono por ano, associadas ao seu encaminhamento para incineração ou aterro.

Estas iniciativas não são, por si só, suficientes para evitar por completo as emissões de carbono associadas à utilização destes espaços. A Culturgest compensa as emissões que não consegue evitar através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil.

Este projecto consiste na instalação de um sistema de co-geração que utiliza resíduos de biomassa como combustível, permitindo substituir as caldeiras a fuelóleo anteriormente utilizadas e reduzir o consumo de electricidade da rede, gerando uma redução das emissões de CO₂ associadas ao funcionamento da instalação. O projecto cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). No total serão compensadas cerca de 739 toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO₂e) relativas ao ano de 2010.

Culturgest,
Espaço CarbonoZero®

Resumindo, estas são as principais medidas adoptadas:

- Central de energia solar que beneficia todo o Edifício Sede da CGD
- Utilização de lâmpadas de baixo consumo energético
- Sistema de gestão de iluminação que desliga as luzes automaticamente fora do horário de trabalho
- Sistema de ar condicionado dos escritórios desligado aos fins-de-semana
- Sistema de ar condicionado das zonas de público ligado apenas nos períodos de espectáculos
- Sistema de shutdown automático dos computadores fora do horário de trabalho
- Impressoras centralizadas, com configuração de impressão de baixa qualidade e de dupla face por defeito
- Fora dos períodos de maior circulação, metade dos elevadores são desligados
- Caixotes de lixo com separação por tipos para reciclagem
- Diminuição progressiva da utilização de suportes em papel para a divulgação, privilegiando a divulgação por meios electrónicos (Internet e e-mail)
- Empréstimo de equipamento cénico mais antigo a teatros com menores recursos técnicos (poupança da energia incorporada no fabrico de novos equipamentos)
- Utilização de materiais reciclados nos ateliers do serviço educativo
- Acções de sensibilização a todos os funcionários sobre comportamentos ambientalmente correctos



Teatro

- 12 **Your brother. Remember?**
Um espectáculo de Zachary Oberzan
- 64 **Tristeza e Alegria na Vida das Girafas**
de Tiago Rodrigues

Cinema

- 14 **Flooding with Love for the Kid**
Um filme de Zachary Oberzan
- 44 **doclisboa 2011**
- 60 **Cinanima**

Música

- 16 **Six Organs of Admittance**
- 20 **Abdullah Ibrahim Solo**
- 26 **António Zambujo** GUIA
- 32 **Adolfo Gutiérrez e Luis Fernando Pérez**
- 38 **Manuel Mota e Noël Akchoté**
- 42 **Vijay Iyer Trio** Historicity
- 52 **Recital a dois cravos**
- 56 **Joe Morris Wildlife Quartet**
- 66 **Aldina Duarte** Contos de Fados
- 68 **B Fachada**

Instalação / Performance

- 18 **CLOUD work-in-progress**
- 40 **Som Alvo**
- 48 **histoire(s)** de Olga de Soto
- 50 **Sur les traces de *La Table Verte*. Une introduction**
por Olga de Soto
- 58 **Filament(o)**
- 62 **Não se vê que sou eu mas é um retrato**
de Rita Natálio

Dança

- 22 **enfant** Um espectáculo de Boris Charmatz
- 30 **Romance-s** pela Compagnie 7273
- 72 **Orphée** pela Companhia Montalvo-Hervieu

Leituras / Conferências / Debates / Simpósios

- 24 **Comunidade de Leitores**
por Helena Vasconcelos
- 28 **Não Gosto (Quatro Conferências)**
por Jorge Silva Melo
- 34 **What is theatre about?** Battle of Ideas
- 46 **Tempo, Espaço, Intencionalidade:**
nos 70 anos de Emmanuel Nunes
- 54 **Ciclo de Conferências Mário Moura**
- 70 **Em nome das artes ou em nome dos públicos?**

Novo Circo

- 36 **PSY** por Les 7 doigts de la main

Exposições

- 76 **Livraria de arte**
- 78 **Pedro Diniz Reis** De A a Z
- 80 **Hans Schabus** O espaço do conflito
- 82 **José Loureiro**
As piores flores. Desenho (1990-1996)
- 84 **José Loureiro** Dois remos por remador
- 86 **Willem Oorebeek** Blackout KATALOG
- 88 **Ricardo Jacinto** O Corredor
- 90 **Pedro Morais** MA – A dança dos pirilampos
- 92 **Zona Letal, Espaço Vital**
Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos

95 Serviço Educativo

106 Informações

Your brother. Remember?

O teu irmão. Lembras-te?

Um espectáculo
de Zachary Oberzan



© Sylvie Moris

TEATRO

QUA 7, QUI 8, SEX 9
DE SETEMBRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h
15€ · Até aos 30 anos: 5€

Espectáculo em inglês,
com legendas em português

M12

O espectáculo será também
apresentado a 3 de Setembro
na Oficina Municipal do Teatro
(O Teatrão, Coimbra).

Quanto mais se olha para Your brother. Remember?, mais se encontra - e no entanto está tudo ali à superfície, facilmente acessível. O espectáculo é ousado, cru e pessoal; é hilariante, absurdo e um pouco sombrio; é em vídeo e ao vivo, acústico e eléctrico. Intellectualmente complexo mas emocionalmente simples, Your brother. Remember? é uma peça comovente de teatro experimental.
Aaron Grunfeld, *New York Theater Review*, Janeiro 2011

Concepção, encenação, montagem e interpretação Zachary Oberzan **Com a presença em vídeo de** Gator Oberzan
Textos Zachary e Gator Oberzan **Técnico de luz, som e vídeo** Thomas Barcal **Assistência de encenação e produção da digressão** Nicole Schuchardt **Co-produção** Kunstenfestivaldesarts 2010, Festival Noorderzon, Grand Theater Groningen e brut Wien

Uma elaborada experiência a partir do conceito das fotografias “antes e depois”, *Your brother. Remember?* combina vídeos caseiros, excertos de filmes de Hollywood e representação ao vivo. Quando eram crianças, na América rural, Zachary e o seu irmão mais velho Gator adoravam fazer paródias dos seus filmes preferidos, entre os quais se destacavam *Kickboxer*, opus karateca de Jean-Claude Van Damme, e o duvidoso filme de culto *Faces of Death*. Depois passaram vinte anos. Afastado da família, Zack regressou à casa onde passou a infância para recriar estes filmes, plano por plano, com a maior precisão possível - mas agora vistos através de uma lente com vinte anos de desgaste físico e emocional. Um irmão tornou-se actor, outro autodestruíu-se. Qual é qual? E o que são estes estranhos paralelismos com a vida de Van Damme nos mesmos vinte anos? O simples desejo infantil de amor confunde-se com a fama, as drogas e a ambição. Os mentirosos acreditam nas suas próprias mentiras e a “vida real” colide com a “arte da manipulação”. Mas tendo Van Damme e o reputado patologista Francis Gross do seu lado, Zack e Gator saltam para o ringue uma última vez com a oportunidade de alcançarem a redenção.

Zachary Oberzan é um dos elementos originais do grupo de teatro nova-iorquino Nature Theater of Oklahoma. Com o Nature Theater, entrou em *Poetics: A Ballet Brut, No Dice* (alkantara festival 2008) e *Rambo Solo*. Realizou a longa-metragem *Flooding with Love for the Kid* (ver página seguinte). Trabalhou com o Wooster Group e Richard Foreman e lançou dois álbuns de canções. www.zacharyoberzan.com

An elaborate experiment with the concept of Before-and-After photographs, *Your brother. Remember?* splices and dices home videos, Hollywood film footage, and live performance. As kids in rural America, Zachary and his older brother Gator loved making parodies of their favorite films, most notably Jean-Claude Van Damme's karate opus *Kickboxer*, and the notorious cult film *Faces of Death*. Then twenty years passed. Estranged from his family, Zack returned to his childhood home to re-create these films, shot for shot, as precisely as possible - but now seen through a twenty-year lens of emotional and physical wear and tear. One brother became an actor, and one self-destructed. Which is which? Zack & Gator step into the ring one last time for a title shot at redemption.

Zachary Oberzan is an original member of theater collective Nature Theater of Oklahoma. He directed *Flooding with Love for The Kid* (see next page). He has performed with The Wooster Group and Richard Foreman, and released two albums of songs.

Flooding with Love for the Kid

A transbordar
de amor pelo miúdo

Um filme de
Zachary Oberzan



CINEMA

SEX 9 DE SETEMBRO

Pequeno Auditório
18h30 · Duração: 1h47
Entrada gratuita

Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
da sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Filme em inglês, com
legendas em português

M12

Argumento adaptado, fotografia, som, montagem, interpretação
e produção Zachary Oberzan
Estados Unidos, 2009, Betacam Sp

Adaptação meticulosa do romance *First Blood* de David Morrell, que apresentou ao mundo um miúdo chamado Rambo a fazer uma guerra de um só homem contra um xerife e uma pequena cidade, *Flooding with Love for the Kid* é ele próprio uma guerra cinematográfica de um só homem. Apresentado na secção "Director's Cut" do último IndieLisboa e rodado integralmente, por 96 dólares, num TO de vinte metros quadrados em Manhattan, esta longa-metragem foi adaptada, realizada, filmada, interpretada, cenografada e montada por um homem. O actor e cineasta Zachary Oberzan, interpretando ele próprio as duas dúzias de personagens, criou este filme monumental e transgressor enquanto profissão de fé no engenho animal e no espírito triunfante do artista solitário sem dinheiro, sem recursos, sem nada. Uma corrida louca, violenta e compassiva através das colinas e grutas perdidas do Kentucky, este filme e o seu criador acolhem as suas limitações extremas e, ao fazê-lo, acabam por transcendê-las. Enquanto Rambo e o xerife Teasle se dão mútua caça nos bosques, o público é obrigado a redefinir a própria natureza da "suspensão da descrença". O como e porquê de contar esta história são uma afirmação mais importante do que qualquer história. O filme pergunta: "O que é preciso para fazer um bom filme? Quanto dinheiro, quantos actores, quanto espaço? Pode-se fazer um grande filme narrativo sem nada a não ser o amor pela obra?" Totalmente transgressor e ao mesmo tempo pleno de acção e comovente, *Flooding with Love for the Kid* destrói todas as noções anteriores sobre o cinema de baixo orçamento com uma determinação tirada da investida furiosa do próprio Rambo.

Meticulously adapted from David Morrell's novel *First Blood*, which introduced the world to a young man named Rambo and his one-man war against a small town and its sheriff, *Flooding with Love for the Kid* is in itself a one-man cinematic war. Shot entirely for \$96 in a 220 square foot studio apartment in Manhattan, it was adapted, directed, filmed, acted, designed, and edited by one man. Actor and filmmaker Zachary Oberzan, performing all two dozen characters himself, has created a monumental testament to the animal ingenuity and triumphant spirit of the lone artist with no money, no resources, no nothing. A wild, violent, compassionate ride through the back hills and caves of Kentucky, this film and its maker embrace their extreme limitations, and in doing so, ultimately transcend them. Completely transgressive yet action-packed and heart-breaking, *Flooding with Love for the Kid* destroys all previous notions of low-budget filmmaking with a determination lifted from Rambo's own infuriated rampage.

A mania de Oberzan não tem limites. (...) Uma obra-prima de outsider-cinema.

David Cote, *Time Out - Nova Orque*, Abril 2009

De uma eficácia desarmante, comovente até - um assalto de guerrilha à noção de que são necessários valores de produção elevados para contar histórias de forma cativante.

Ben Walters, *The Guardian*, Junho 2009

Six Organs of Admittance

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



MÚSICA

SEX 9 DE SETEMBRO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aprox. 1h
5€ (preço único)

M12

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Guitarra acústica e voz Ben Chasny

Dos grandes escritores de canções e guitarristas dos Estados Unidos da última década, Ben Chasny trabalha com a singularidade de espírito e a acutilância estética dos bravos e dos esclarecidos, sempre obsessivo tanto com a transparência da frase melódica, como com a invenção da forma.

Impressiona a sua produtividade editorial e a amplitude estética que consegue cobrir, não só na música que compõe, como na variedade de artistas com quem colabora (Magik Markers, Richard Bishop, David Tibet ou Will Oldham, entre tantos outros de relevo).

Dele e dos Six Organs of Admittance (o nome deste seu projecto principal) é uma luminosidade harmónica desbragadamente benigna, desenvolvida num *fingerpicking* solista, espiralado, possesso e turbulento, complementado por um profundíssimo conhecimento do rock e country (Bruce Springsteen, Townes Van Zandt e outros nómadas em *kilometragem* e espírito), e por um entendimento de alta ordem das possibilidades expressivas do som, particular onde é extremamente informado pelo psicadelismo nipónico, e por referências como Keiji Haino, Asahito Nanjo, Mainliner, High Rise ou Kan Mikami.

Regressa agora a Portugal para apresentar o magnífico e extremamente celebrado *Asleep on the Floodplain*, disco gravado de forma caseira, bem longe dos estúdios, e lançado este ano pela Drag City (casa que irá reeditar internacionalmente o trabalho de Carlos Paredes, influenciada pela admiração de Chasny pelo músico português).

Para esta actuação na Culturgest vamos poder escutar Ben Chasny a solo, em guitarra acústica e voz, porventura a forma mais plenamente recompensadora de assistir a um concerto deste músico.

Pedro Gomes/filho único

One of the great American songwriters and guitarists of the last decade, Ben Chasny works with the single-mindedness and aesthetic incisiveness of the bold and enlightened, obsessed with both the transparency of the melodic phrase and the inventiveness of form.

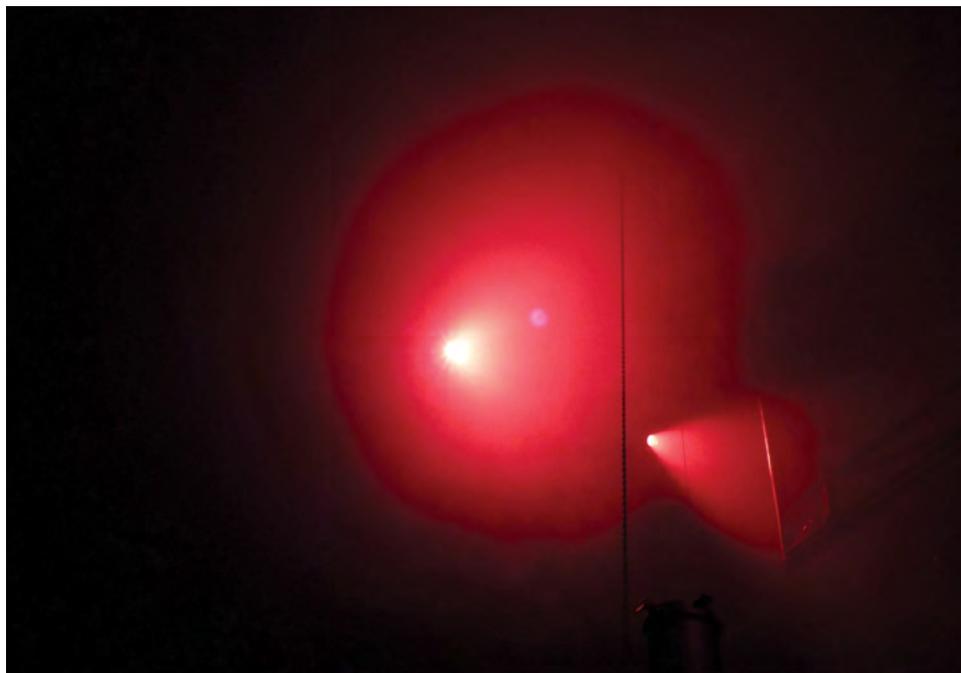
His main project, Six Organs of Admittance, is centred around a turbulent fingerpicking soloist, complemented by a profound knowledge of rock and country music and a clear understanding of the expressive possibilities of sound.

www.sixorgans.com
www.myspace.com/sixorgans

CLOUD

work-in-progress

Ciclo Vinte e sete sentidos
Organização: Granular



INSTALAÇÃO PERFORMANCE

QUA 14 DE SETEMBRO

Sala 2 · 18h30
Duração aprox. 40 min.
3,50€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo

No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se em 1919 aos “vinte e sete sentidos” da sensorialidade – se tal pareceu então o delírio de um visionário, é finalmente uma realidade neste tempo de derrube das fronteiras entre as artes.

Já não há nichos criativos, apenas diferentes campos de acção artística que cada vez mais se encontram e se entrecruzam.

Integrando os mundos do som, da imagem e/ou do movimento, e adoptando em simultâneo os formatos de instalação e de *performance*, a série “Vinte e sete sentidos” abre as portas da percepção e da sinestesia.

Granular é uma estrutura financiada pelo Secretaria de Estado da Cultura / Direcção-Geral das Artes



Field recordings e difusão electroacústica Marc Behrens

CLOUD é um *work-in-progress* que sofreu várias mudanças antes mesmo de ser revelado ao público. E o mais natural é que mais algumas aconteçam durante a sua apresentação e depois. O seu ponto de origem está no cruzamento de várias ideias, como um entendimento surrealista do espaço de actuação e do factor “entretenimento” e a possibilidade de a audiência se mover durante a *performance*, tendo em conta que um erro na escrita de “cloud” (nuvem) pode tornar a palavra em “could”, uma potencialidade. A nuvem é uma entidade modular de processamento da informação, mas também o suporte em que se imagina a existência de seres sobrenaturais.

Os materiais de CLOUD são organizados segundo micro-histórias, contadas por registos áudio até agora mantidos secretos, realizados durante um longo período em vários continentes, mas sempre no mesmo tipo de localização, esbatendo as definições que opõem público e privado, regular e excepcional, seguro e infiltrado. É a peça complementar de uma composição radiofónica conceptual intitulada CROWD e que terá a sua estreia em 2012.

Para mais informação, consultar marcbahrens.com

CLOUD is a work-in-progress which has already undergone a number of changes, prohibitions and impossibilities before it was even scheduled to be presented. Further changes during the presentation and afterwards are likely to happen. Its point of origin lies at the crossroads of various ideas: a surrealist conception of the professional venue, and of “entertainment”, an audience that physically moves during the presentation, also bearing in mind that “cloud” if misspelled becomes “could”, a potentiality. It takes into account the concept of the cloud, a modular entity of information processing, but also a support on which supernatural beings are imagined to be located.

CLOUD draws material from a set of microstories and an until now secret set of audio recordings conducted over a long period and various continents, but always in the same type of location, blurring the definitions of the oppositions of private and public, regular and exceptional, safety and infiltration.

It is the complementary piece for a conceptual radio composition entitled CROWD due to be premiered in 2012.

Marc Behrens’ works mainly consist of concrete electronic music, installations, the occasional photograph or video. Behrens has performed and exhibited extensively across Europe, the Middle East, South Africa, North America and East Asia, working with Jeremy Bernstein, Ana Carvalho, Bernhard Günter, Nikolaus Heyduck, Francisco López, Paulo Raposo, Achim Wollscheid, among others.

For more information on Marc Behrens work please consult marcbahrens.com

Abdullah Ibrahim

Solo

JAZZ

SÁB 17 DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h30
20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Piano Abdullah Ibrahim

Abdullah Ibrahim nasceu na Cidade do Cabo, África do Sul, em 1934. Começou a tocar piano aos 7 anos, mas é num grupo vocal que, com 15 anos, inicia a sua carreira de músico profissional. Em 1960/61, como pianista, formou a primeira banda relevante de jazz na África do Sul, Jazz Epistles, que grava dois discos ainda no seu país. Em 1962 muda-se para a Europa usando o nome Dollar Brand. Duke Ellington ouvi-o tocar em 1963 num clube em Zurique, convida-o para gravar um disco no seu estúdio em Paris, *Duke Ellington Presents The Dollar Brand Trio* e lança-o na Europa e nos Estados Unidos. Dollar Brand tocou então em todos os festivais europeus de renome e nos melhores clubes de jazz do velho continente e em 1966, sempre sob o patrocínio de Ellington, vai para os EUA onde se apresenta com o seu trio no Festival de Newport, no Lincoln Centre, no Carnegie Hall ou no MoMa. Durante a sua estadia na América tocou com músicos como John Coltrane, Ornette Coleman, Don Cherry, Sunny Murray. Vivendo entre a África do Sul, a Europa e os EUA, converte-se ao islamismo em 1968, mudando o nome para Abdullah Ibrahim. Gravou muitas dezenas de discos, deu centenas de concertos por todo o mundo, a solo ou com diversas formações, incluindo orquestras sinfónicas. É um dos grandes nomes do jazz dos nossos dias. A sua música, de um lirismo quase místico, estabelece uma relação orgânica entre o jazz americano e as suas raízes africanas.

O último CD a solo que gravou, *Senzo* (2008), recebeu rasgados e merecidos elogios da crítica. É um disco de uma grande beleza, de uma serenidade e simplicidade que revelam uma profunda sabedoria e uma intensa vida espiritual.

Born in Cape Town in 1934, Abdullah Ibrahim began his musical career in a vocal group at the age of 15, later moving to Europe, where he played piano under the name Dollar Brand. His international career was launched by Duke Ellington, who heard him play in a Zurich club. After converting to Islam in 1968, Brand changed his name to Abdullah Ibrahim. A prolific recorder of albums, he either plays alone or backed by bands and orchestras, and is considered one of the leading figures in contemporary jazz. The almost mystical lyricism of his music is a blend of American jazz and his African roots.



© Ines Kaiser

enfant criança

Um espectáculo de Boris Charmatz para 9 bailarinos e um grupo crianças



© Boris Brussey

DANÇA

QUA 21, QUI 22
DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h15
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M6

Na quarta-feira 21 de Setembro, após o espectáculo, haverá uma conversa com Boris Charmatz na Sala 1.

Musée de la danse / Centre chorégraphique national de Rennes et de Bretagne, dirigido por Boris Charmatz, é apoiado pelo Ministère de la Culture et de la Communication (Direction Régionale des Affaires Culturelles / Bretagne), Ville de Rennes, Conseil régional de Bretagne e Conseil général d'Ille-et-Vilaine.

Com apoio excepcional do Ministère de la Culture et de la Communication, Conseil régional de Bretagne, Ville de Rennes e Rennes Métropole

Apoio nas digressões internacionais: Institut Français / Ville de Rennes

Coreografia Boris Charmatz **Interpretação** Eleanor Bauer, Nuno Bizarro, Matthieu Burner, Olga Dukhovnaya, Julien Gallée-Ferré, Lénio Kaklea, Maud Le Pladec, Thierry Micouin, Mani A. Mungai e um grupo de crianças de Rennes **Luzes** Yves Godin **Som** Olivier Renouf **Maquinaria** Artefact, Frédéric Vannieuwenhuysse, Alexandre Diaz **Gaita-de-foles** Erwan Keravec **Assistente** Julien Jeanne **Figurinos** Laure Fonvieille **Trabalho de voz** Dalila Khatir **Software para criação de sons** Luccio Stiz **Direcção técnica** Antoine Guilloux **Direcção de cena** Max Potiron **Produção** Musée de la danse / Centre chorégraphique national de Rennes et de Bretagne **Co-produção** Festival d'Avignon, Théâtre de la Ville-Paris, Festival d'Automne à Paris, Internationales Sommerfestival Hamburg e Siemens Stiftung no âmbito de SCHAUPLÄTZE, Théâtre National de Bretagne (Rennes), La Bâtie-Festival de Genève, Kunstenfestivaldesarts (Bruxelas) **Agradecimentos** Or Avishay, Pierre Mathiaut, Almamy Condé, Julia Cima, Raimund Hoghe **Estreia** 7 de Julho de 2011 no Festival d'Avignon

A criança (*enfant*) como uma matéria maleável, frágil e incontornável. Uma carga de real que perturba o equilíbrio da cena. Transportados, pousados no chão, manipulados pelos bailarinos, os corpos das crianças invadem o espaço, ampliam-no, esculpem-no. Das suas relações nasce um jogo de tensão e de relaxamento que conjuga a força da inércia com o processo de transformação. Desenrola-se um estranho ballet entorpecido em que se formam ilhotas, montes móveis; de que emergem encontros instáveis, morfologias híbridas – imagens suspensas entre o repouso, o sonho e a ronda... Progressivamente, as relações invertem-se, desfaz-se a fronteira entre grandes e pequenos, profissionais e amadores, animado e inanimado, dando lugar a uma massa em formação, um enxame impetuoso que arrasta tudo: invasão ou recreio – que devolve às crianças o seu lugar de desconhecido estético e político na equação da representação.

Gilles Amalvi

Boris Charmatz will work with nine dancers and a group of children. Manipulated by the dancers, the children's bodies invade the space, expanding it and sculpting it. The relationship between them gives rise to a game of tension and relaxation, combining the force of inertia with the process of transformation. A strange, torpid ballet ensues in which tiny islands, movable mounds, are formed, resulting in images suspended between repose, dream and dance... Gradually, the roles are reversed and the frontier between big and small, professional and amateur, animate and inanimate, disappears.

Gilles Amalvi



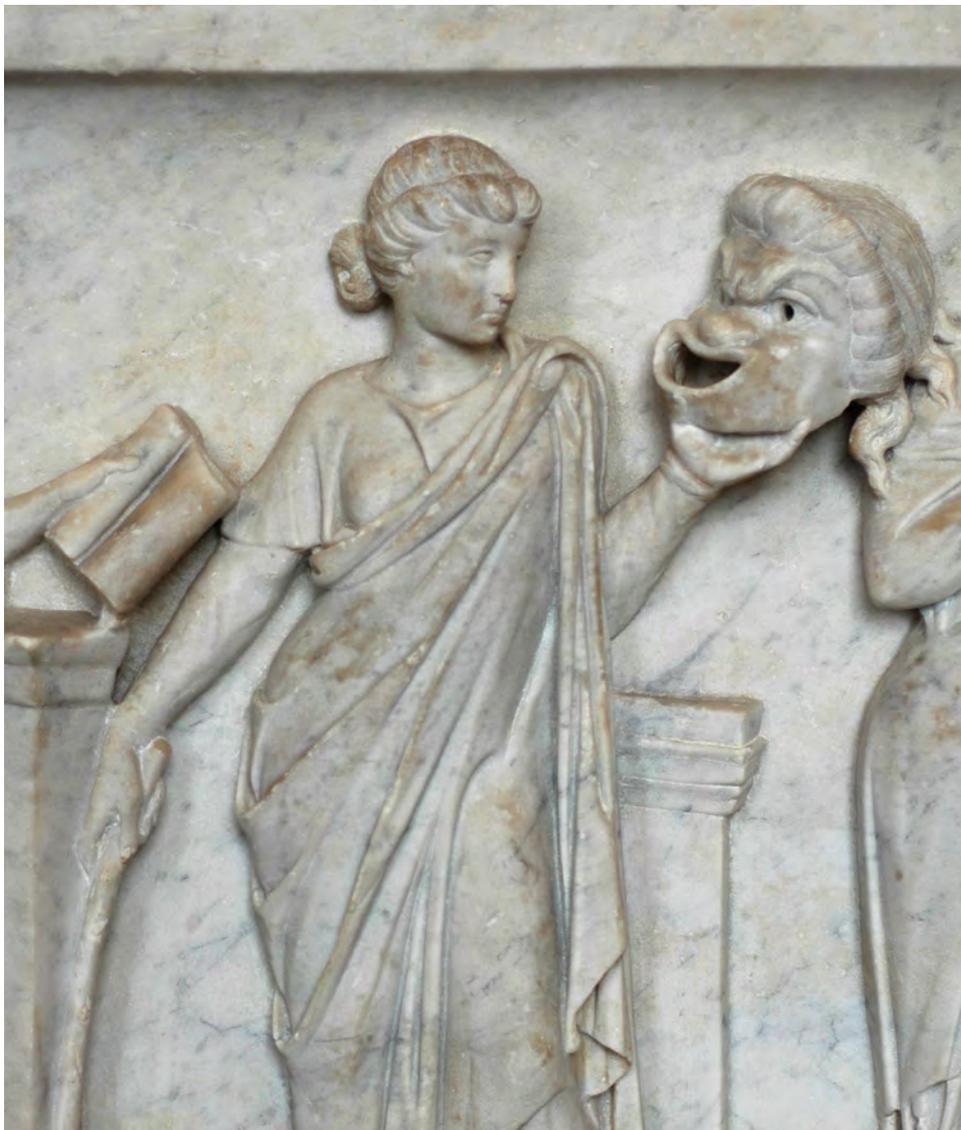
Com o apoio de:



Comunidade de Leitores

O Riso e o Esquecimento

por Helena Vasconcelos



Thalia, musa da comédia. Pormenor do Sarcófago das Musas, que representa as nove musas e os seus atributos, no Museu do Louvre.

LEITURAS

22 DE SETEMBRO
13 DE OUTUBRO
3, 17 E 30 DE NOVEMBRO
15 DE DEZEMBRO

Sala 1 · 18h30
Inscrições até 15 de Setembro
(limite 40 pessoas) na
bilheteira da Culturgest, pelo
tel. 217905155 ou pelo e-mail
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Qui 22 de Setembro
Emma Jane Austen,
Ed. Europa-América

Qui 13 de Outubro
A Relíquia
Eça de Queirós,
Porto Editora

Qui 3 de Novembro
A Questão Finkler
Howard Jacobson,
Porto Editora

Qui 17 de Novembro
**Memórias Póstumas
de Brás Cubas**
Machado de Assis,
Ed. Dom Quixote

Qui 30 de Novembro
Catch 22
Joseph Heller,
Ed. Dom Quixote

Qui 15 de Dezembro
**Como vos Arouver
(As You Like It)**
William Shakespeare,
Ed. Campo das Letras, 2008

É uma verdade universalmente conhecida que o riso faz parte das expressões mais profundas e sérias do ser humano e que a comédia – como um dos géneros classificados por Aristóteles na sua *Poética* – surge com força renovada nos mais terríveis momentos de crise política, social, individual. E se a função da Literatura era a *mimesis*, ou imitação da vida, a comédia ao invés (ou como complemento) da tragédia tinha, e continua a ter, a árdua tarefa de recriar a existência com elevação e solenidade, ao mesmo tempo que faz despertar o riso. A “comédia” nem sempre esteve ligada aos mesmos pressupostos – Dante chama à sua obra-prima *A Comédia* no sentido alegórico da cosmogonia medieval – mas Geoffrey Chaucer e Boccaccio foram mestres na criação (século XIV) de personagens cómicas em inusitadas peripécias com o propósito de recriar a farsa como espelho do mundo. Essas figuras-tipo – o frade, o médico, o mercador, a “esposa”, a freira, etc. – foram utilizadas por grandes dramaturgos como Molière e Lope de Veiga e por autores como Eça de Queirós e Machado de Assis que se encarregaram de zurzir violentamente os seus contemporâneos. Quanto a Jacobson e Heller vão também buscar atributos tradicionalmente “cómicos” – a vividez em *A Questão Finkler* e a ingenuidade em *Catch 22* – para demolirem a sociedade inglesa, especialmente a judaica, e a loucura assassina da guerra. Recuando para a Inglaterra isabelina, onde se seguia a distinção clássica – as tragédias acabavam mal e as comédias tinham um final feliz – *Como vos Arouver* de William Shakespeare é um exemplo perfeito da “alta comédia” pela forma refinada como são tratados os temas das mudanças de identidade e confusão de géneros. Os mal-entendidos são também o catalisador de toda a acção em *Emma*, uma heroína com uma personalidade tão forte como a de Rosalind mas à qual Austen, com a sua capacidade para dizer sempre o contrário do que está implícito, atribui uma enorme falta de bom senso.

A comédia é um género essencialmente democrático mas não deixa, por isso, de se revelar como indispensável. Os grandes tiranos, na sua solidão, sempre precisaram de um bobo para os obrigar a olhar a realidade do mundo, aquilo a que o filósofo Thomas Hobbes, referindo-se ao riso, chamou a “súbita glória” do ser humano.

Laughter is one of the most profound and serious expressions of the human being, and comedy tends to reappear with renewed vigour in times of individual, social and political crisis. As the reverse (or complement) of tragedy, comedy has the difficult task of recreating existence with dignity and solemnity, while still making people laugh. In literary terms, “comedy” is not always based on the same premises: it is an essentially democratic, but nonetheless indispensable genre, with laughter providing what Hobbes described as the “sudden glory” of the human being.

António Zambujo

GUIA



MÚSICA

SÁB 24 DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h15
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Voz e guitarra António Zambujo
Guitarra portuguesa Bernardo Couto Cavaquinho Jon Luz
Clarinetes Zé Conde Contrabaixo Ricardo Cruz
Participação especial Grupo de Cantadores da Aldeia Nova de São Bento

Nasceu em Beja em 1975. Cresceu a ouvir o cante alentejano, mas muito menino, através dos discos da família, encantou-se com o fado que começou a cantar entre amigos e família. Mais crescido, fazia-o na Pousada dos Lóios, em Évora, e no Clube do Fado, em Alfama.

Seleccionado para integrar o musical *Amália* de Filipe La Féria, veio para Lisboa. Cantava e, sobretudo, ouvia cantar. Aprendia.

O seu primeiro disco, *O mesmo fado* (2002), foi um êxito e com ele começou a receber prémios e a fazer espectáculos. Seguiram-se mais três (*Por meu cante*, 2004, *Outro sentido*, 2007, *Guia*, 2010) e o sucesso nacional e internacional. Várias digressões pelo país, pela Europa, pelo Brasil (onde o seu espectáculo de 2009 foi considerado um dos dez melhores do ano pelo jornal *Globo*). Caetano Veloso elogia-o (“Quero ouvir mais, mais vezes, mais fundo (...), é de arrepiar e de fazer chorar”, escreveu no seu blogue), e outros grandes artistas brasileiros admiram-no, vão ouvi-lo cantar, colaboram em discos seus. Os dois últimos foram editados e distribuídos internacionalmente pela Harmonia Mundi.

Guia, o mais recente, foi considerado, por publicações portuguesas e estrangeiras, como um dos melhores discos do ano. Alguns dizem que aqui ele se afasta do fado. António não concorda, mas reconhece que lá estão evidentes as suas três maiores influências musicais: o cante alentejano, a música brasileira e o jazz. Mas também a música africana. E o fado está lá sempre. Por vezes de uma forma não óbvia. António Zambujo canta como mais ninguém.

Esta noite, para além de interpretar temas de *Guia*, traz consigo o Grupo de Cantadores da Aldeia Nova de São Bento. O retorno às origens. Um concerto muito especial.

Born in Beja in 1975, António Zambujo grew up listening to Alentejo choirs, but soon began singing Fado.

His first record, *O mesmo fado* (2002), was a great success, and after this came another three records and tours through Europe and Brazil. Some say he has moved away from Fado, but he doesn't agree, recognising his three main musical influences: Alentejo choirs, Brazilian music and jazz. There's also African music, but Fado is always there.

Tonight he will be singing songs from *Guia*, accompanied by the Choir from Aldeia Nova de São Bento. A return to his origins and a very special concert.

www.antoniozambujo.com

Não Gosto (Quatro Conferências)

por Jorge Silva Melo



Jorge Silva Melo em *Vermeer et Spinoza* de Gilles Aillaud, enc. Jean Jourdeuil e Jean-François Peyret, Paris, 1984

CONFERÊNCIAS

SEGUNDAS-FEIRAS
26 DE SETEMBRO
10 E 17 DE OUTUBRO
7 DE NOVEMBRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Je suis snob
Boris Vian

Já lá vão mais de 50 anos a ver e, mais tarde, a fazer teatro. Desde *Mar* de Miguel Torga, pelo TEP (em 1960? 61?), encenação de António Pedro, com a minha depois amiga Dalila Rocha, no Teatro Variedades, até ao *Não se brinca com o amor* de Alfred de Musset (esse que se perguntou “Com que sonhos as raparigas?”), que estreamos em Viseu, em Setembro de 2011. E já vi passar tanta coisa, críticos que surgiram, aterrorizaram as hostes durante nove meses e desapareceram ou se tornaram directores de televisões (sim, sim), amigos que foram ministros, ministros que se tornaram inimigos, programadores que não sei quem os inventou, directores de teatro, directores-gerais que encontro, frustrados, impotentes, reformados, tanta gente que andou pelas estreias (“hoje está cá fulano”, até se diz nos camarins, como se isso fosse determinante) e se foi indo embora. E que deixaram? Apetece-me lembrar-me dos seus percursos (alguns), das suas promessas, das suas derrotas, das suas ilusões, dos seus fracassos. E dizer que não gosto, não gosto mesmo nada, não gostei nem gosto. Não gosto dos críticos que temos (e dos que tivemos?), não gosto dos programadores-autores (que temos e teremos?), dos ministros, directores-gerais sempre nomeados que nem Sísifos e a refazer leis que nem Penélope eliminando pretendentes, não gosto. Não digo das pessoas, até há de quem gosto e gostarei: é das funções, do tempo que perdem, do tempo que fazem perder, do mundo que tapam. Por isso vou dizer tudo e espero que olhos nos olhos. E, porque gosto de *happy-ends*, dizer que gosto, gosto de actores, actrizes, técnicos.

Jorge Silva Melo

In more than 50 years of theatre, I've seen so many comings and goings – critics becoming directors of TV channels, friends who were ministers, ministers who became enemies, theatre managers, directors-general, frustrated, impotent and retired... And what have they left us? I want to remember their careers, promises, defeats, illusions and weaknesses... and say that I don't like it. I don't like the critics we have (or had), the programmers, ministers, directors-general... I'm not talking about the people – it's their jobs, the time that's wasted I don't like. I like the actors and technicians.

Jorge Silva Melo

26 de Setembro
Não gosto dos críticos,
não gosto

10 de Outubro
Não gosto de programadores,
não sei o que fazem

17 de Outubro
Não gosto de ministros,
secretários, chefes de
gabinete, vereadores,
assessores, directores-gerais
e em geral

7 de Novembro
Gosto de actores, ai de mim

Romance-s pela Compagnie 7273



© Michel Cavalca

DANÇA

QUI 29, SEX 30
DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 45 min.
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na quinta-feira 29 de Setembro, após o espectáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

A Companhia 7273 é apoiada pela Cidade de Genebra, pela República e Cantão de Genebra e pela Pro Helvetia – Fundação Suíça para a Cultura. Para a criação de *Romance-s*, a Companhia 7273 beneficiou ainda da co-produção do Festival de La Bâtie – Festival de Genève, da cedência dos estúdios de dança da ADC de Genebra e do apoio financeiro da Fondation Ernst Göhner, da Loterie Romande, da Schweizerische Interperetenstiftung e de Cynthi e Patrick Odier.

Laurence Yadi e Nicolas Cantillon - Compagnie 7273 foram distinguidos com o Prix de Danse et de Choregraphie Suisse 2011

Conceito, coreografia e interpretação Laurence Yadi e Nicolas Cantillon **Colaboração artística** Graziella Jouan, Karelle Ménine **Luzes** Patrick Riou **Música** Manuel Soto **Figurinos** Olga Kondrachina, Philippe Combeau **Direcção técnica** Patrick Riou **Fotografias** Michel Cavalca **Administração/Difusão** Martin Beyer, Olivier Stauss admin@cie7273.com, www.cie7273.com **Produção** Compagnie 7273 (CH-FR) **Co-produção** La Bâtie, Festival de Genève

Romance-s alimenta-se da experiência amorosa para dar a ver um trajecto que circula através dos territórios do casal e da dança, um e outro votados a imbricar-se, transformar-se e questionar-se, e propõe uma leitura da relação entre corpos, esse espaço comum ao amor e à dança. Que corpo é este que amo? Que corpo é este com que danço? Que diferentes estados tem este corpo? Que me diz ele do meu próprio corpo?

Nicolas Cantillon (1972, Melun, França) e Laurence Yadi (1973, Argenteuil, França) partilham vida e actividade profissional entre a Suíça e a França.

Ele começa por ser cantor e guitarrista e inicia a sua formação em dança no conservatório Marius Petipa em 1989. Ela termina estudos de desporto em 1991 e dois anos depois obtém uma bolsa para o centro Alvin Ailey em Nova Iorque.

Colaboram como intérpretes e como assistentes em múltiplos projectos, por vezes nas mesmas estruturas: nomeadamente com o Ballet J. Art de Paris, a companhia de Genebra Alias, Gisela Rocha e Rui Horta.

Criam, a partir de 2003, diversas peças, entre as quais *Simple proposition* e *Climax*, ambas apresentadas pela Culturgest em 2006 em colaboração com O Espaço do Tempo, de Montemor-o-Novo.

Romance-s proposes a reading of the relationship between bodies, in that space that is common to both love and dance. What is this body that I love? That I dance with? What does it tell me about my own body?

Nicolas Cantillon and Laurence Yadi divide their time between Switzerland and France. Originally a singer and guitarist, he began taking dancing lessons in 1989, while she graduated in sports studies in 1991. They have worked together on many different projects and have created various pieces since 2003, including *Simple proposition* and *Climax*, both presented at Culturgest in 2006.

Adolfo Gutiérrez e Luis Fernando Pérez

Ciclo
Concertos no Palco



MÚSICA

SÁB 1 DE OUTUBRO

Palco do Grande Auditório
18h · Duração: 1h30
com intervalo
10€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Robert Schumann (1810-1856)

Fantasiestücke, op. 73,
versão para violoncelo e piano
Zart mit Ausdruck (Com amor
e com expressão); *Lebhaft*,
leicht (Com vida, com leveza);
Rasch und mit Feuer (Rápido
e com fogo)

Samuel Barber (1910-1981)

Sonata para violoncelo
e piano, op. 6
Allegro ma non troppo;
Adagio. Presto. Adagio;
Allegro appassionato

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Sonata para violoncelo
e piano em Sol menor, op. 19
Lento. Allegro moderato;
Allegro Scherzando; *Andante*;
Allegro Mosso

Astor Piazzolla (1921-1992)

Le Grand Tango

Violoncelo Adolfo Gutiérrez Piano Luis Fernando Pérez

Adolfo Gutiérrez e Luis Fernando Pérez são dois jovens e muito talentosos músicos espanhóis. Ambos estudaram em Madrid, ambos passaram pela Escola Superior de Musica Reina Sofia e completaram a sua formação com grandes pedagogos. Cada um com uma já sólida carreira internacional que os tem levado pela Europa e pelos Estados Unidos, foram distinguidos com vários prémios e são, sem dúvida, dois intérpretes que se encontram entre os melhores da sua geração.

Em 2003 gravaram, para a editora espanhola Verso, o CD com o programa idêntico ao do recital deste fim de tarde. A crítica espanhola não poupou elogios. Com justiça. Trata-se, na verdade, de um excelente disco, quer pelas obras escolhidas, quer pela qualidade da interpretação. Oito anos depois, este duo, certamente mais maduro, vem ao nosso palco reinterpretar estas belíssimas peças de Barber, Rachmaninov e Piazzolla. A que acrescentaram as “peças de fantasia” op. 73 de Schumann, assim reforçando o carácter romântico do programa.

As *Fantasiestücke* são três pequenas peças, originalmente escritas para clarinete e piano, que Schumann reescreveu para violoncelo e piano, e que foram estreadas pela sua mulher Clara. O título de “fantasias” aponta para uma liberdade da imaginação criativa do artista, característica do romantismo “schumanniano”.

O compositor americano Samuel Barber é sobretudo conhecido pelo célebre *Adagio* para cordas. A sonata para violoncelo e piano é uma obra de juventude que, seguindo de perto a forma clássica da sonata, deixa transparecer um doce neo-romantismo. A sonata de Rachmaninov, estreada quando o compositor tinha 28 anos, é uma peça virtuosa e encantadora que faz parte do repertório canónico para violoncelo e piano. *Le Grand Tango* de Piazzolla, é uma obra de que se conhecem numerosas versões. Mas foi escrita originalmente para estes dois instrumentos e dedicada a Rostropovitch que a solicitara ao compositor. O violoncelista só a estreou oito anos depois de ter recebido a partitura. Trata-se de um tango mas, como sucede em muitas obras de Piazzolla, nele se fundem elementos de origem vária, seja da clássica música de câmara, do jazz, ou de músicas populares.

Adolfo Gutiérrez and Luis Fernando Pérez are two talented young Spanish musicians, both of whom trained in Madrid and have enjoyed award-winning international careers.

This evening's programme is based on the CD they recorded in 2003, which earned them effusive reviews. Eight years later, this now more mature duo will be reinterpreting a number of beautiful pieces: Samuel Barber's neo-romantic sonata for cello and piano, Rachmaninov's charming and virtuosic sonata for cello and piano and Piazzolla's *Le Grand Tango*, plus Schumann's highly romantic “fantasy pieces” op. 73 for clarinet and piano.

What is theatre about?

Sobre que é o teatro?

Battle of Ideas

Eventos Satélite 2011

DEBATE

SEG 3 DE OUTUBRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Debate em inglês/português com tradução simultânea

O Institute of Ideas criou, desde 2000, um fórum para debate público sobre temas sociais complexos. Uma das suas iniciativas é um festival de dois dias, Battle of Ideas, que todos os anos se realiza em Londres em finais de Outubro.

Paralelamente o Instituto organiza Eventos Satélite em várias cidades do Reino Unido, de países europeus e da Índia e em Nova Iorque.

O ano passado, aqui na Culturgest, organizou-se um desses eventos. O tema em debate foi "Afinal para que serve a arte?" Este ano vamos debater o tema "Sobre que é o teatro?", introduzido por:

Angus Kennedy, responsável pelas relações externas do Institute of Ideas, participante frequente na Battle of

Ideas, um dos oradores do ano passado;

Luis Miguel Cintra, actor, encenador, fundador e director do Teatro da Cornucópia, Prémio Pessoa 2005, para além de muitas outras distinções, uma personalidade maior da cultura portuguesa;

José Maria Vieira Mendes, dramaturgo diversas vezes premiado, tradutor, colaborador dos Artistas Unidos, membro do Teatro Praga;

Francisco Frazão, programador de teatro da Culturgest, colaborou com os Artistas Unidos, tradutor, publicou artigos sobre teatro, cinema e literatura.

O debate, que se estende

ao público, é moderado por Tiffany Jenkins, socióloga, comentadora cultural, Arts and Society Director do Institute of Ideas.

Sobre que é o teatro?

"Como é que o teatro pode interromper o curso de um rio num vale profundo de modo a armazenar toda a água num reservatório, que pode depois ser usada para hidro-electricidade ou para irrigação?"

Ao que a resposta sensata é: Para isso é melhor usar um dique, não o teatro.

Andrew Haydon, crítico britânico · www.postcardsfromthegods.blogspot.com



Notre terreur, um espectáculo d'ores et déjà, apresentado na Culturgest em Abril 2010 © Marine Fromanger

Será que os criadores e instituições teatrais, bem como as entidades de financiamento das artes, devem ser mais realistas sobre o que o teatro pode ou não alcançar? É verdade que o teatro tem tomado para si algumas tarefas hercúleas ao longo da História. Da Grécia antiga ao Romantismo alemão, o teatro era suposto desempenhar um papel cívico fundamental na coesão das comunidades. Dramaturgos modernos como Brecht e Ibsen tentaram mais tarde reflectir, criticar e alterar ideias dominantes e estados de coisas. E nos palcos britânicos, nos últimos anos, os criadores procuraram lidar com a ganância empresarial, o racismo, as alterações climáticas e o *bullying* escolar. Deve esta abordagem ambiciosa ser imitada em Portugal e noutros lugares? Teremos todos de adoptar a crença inquebrantável dos autores e encenadores britânicos de que o teatro "sobre" tais assuntos pode fazer a diferença? Ao não fazê-lo, não estaremos a deixar ficar mal os nossos concidadãos? Ou não passará este tipo de teatro de um repositório ingénuo de boas intenções que nada mudam no mundo real? Devem os dramaturgos com objectivos sociais e políticos tentar atingi-los fora dos palcos em vez de os infligir ao público no teatro?

Há quem desconfie de um teatro que coloca o conteúdo intelectual à frente da forma artística, vendo-o como teatralmente impuro, especialmente quando esse conteúdo é uma mensagem política que pode por vezes reduzir o teatro à crua agitprop. Para além disso, grande parte do teatro político é previsivelmente de

esquerda ou progressista, reafirmando em vez de desafiar os pontos de vista do típico público de teatro. Não caberá ao teatro abordar ideias de uma perspectiva diferente e incitar as pessoas a ver as coisas a uma luz nova? Muitas vezes deixa-se aos textos dos encenadores nos programas, aos comunicados de imprensa e às críticas a tarefa de tornar explícito o que no espectáculo fica apenas implícito. Mas quem decide aquilo "sobre" que uma peça é ou deixa de ser? E não será apenas uma doce ilusão a tentativa de prever as consequências políticas de uma obra teatral? A auto-reflexividade parece uma receita certa para evitar a política, mas não deve o teatro mudar-se a si mesmo para poder mudar o mundo? Ou será possível, seguindo a proposta de George Costanza para uma série de televisão em *Seinfeld*, imaginar um espectáculo sobre nada?

The Institute of Ideas set up a forum for the public debate of complex social themes in 2000. One of its initiatives is a two-day festival, the Battle of Ideas, held every year in late October. In parallel to this festival, the Institute organises Satellite Events in various cities all around the world.

One of these events was held last year, here at Culturgest, to discuss the theme "Just what are the arts good for?" This year's theme for discussion is "What is theatre about?" introduced by Angus Kennedy, Luis Miguel Cintra, José Maria Vieira Mendes and Francisco Frazão.

The debate, which is open to the public, will be chaired by Tiffany Jenkins.

What is theatre about? Should theatre-makers, organisations and arts funding bodies be more realistic about what the artform can and cannot achieve? On the British stage in recent years, theatre-makers have attempted to address corporate greed, racism, climate change and school bullying. Is this ambitious approach something to be emulated in Portugal and elsewhere? Or is this strand of theatre just a naïve repository of good intentions that changes nothing in the real world?

Sometimes it is left to directors' notes, press releases and reviews to make explicit what has been left implicit in the show itself. But who decides what a play is or isn't 'about'? Is it any more than wishful thinking to try to predict the political effects of theatre-making? And is it possible, following George Costanza's TV pitch in *Seinfeld*, to imagine a show about nothing?

www.battleofideas.org.uk

Institute of Ideas

BATTLE OF IDEAS

PSY

por Les 7 doigts de la main
de la main



© Luce Tremblay-Gaudette

NOVO CIRCO

SEX 7, SÁB 8, DOM 9
DE OUTUBRO

Grande Auditório
21h30 (Dom 9 às 17h)
Duração: 2h10 com intervalo
20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Produção e direcção artística Les 7 doigts de la main
Co-produção Tohu (Quebec), Sadler's Wells (Ingalettra), Subtopia (Suécia) Texto, encenação e coreografia Shana Carroll
Assistente de encenação Isabelle Chassé

Les 7 doigts de la main é uma companhia de novo circo criada em 2002 em Montreal, Canadá, por sete artistas que decidiram combinar as suas personalidades, os seus talentos, as suas experiências, para defenderem objectivos artísticos comuns com a destreza e a encantadora falta de jeito de uma mão com sete dedos. Inicialmente o seu propósito era o de trazer o circo para uma escala humana, criando espectáculos de média dimensão que combinam várias linguagens de uma forma completamente inovadora.

Rapidamente ganham fama internacional e os seus espectáculos viajam por todo o mundo. Todos eles estão ainda em digressão.

PSY é a sua quarta, mais recente e maior criação. Em *PSY* juxtapõem-se certas facetas mais sombrias da psique humana à linguagem alegre e exaltante do circo.

Uma narrativa que se refere a disfunções psíquicas (alucinações, obsessões, agorafobia, alucinações) despoleta uma série de extraordinários, belos, poéticos, comoventes números de circo, alguns de cortar a respiração. Trapézio, acrobacia, malabarismo, forças combinadas, roda alemã, mastro chinês, etc., etc. sucedem-se neste espectáculo arrebatador.

PSY é um hino à alegria, à coragem e ao poder que dormem em nós e nos permitem ultrapassar os nossos limites. *PSY* funde acrobacias do corpo com acrobacias da mente e da alma.

O espectáculo, criado em 2010, tem viajado pelos EUA, América do Sul, Europa (em Paris estará em cartaz um mês e meio, em Novembro e Dezembro, em La Villette), com enorme sucesso de crítica e de público. Não perca.

Les sept doigts de la main is a new circus company formed in Montreal, in 2002, by seven performers whose combined talents have created medium-sized shows that blend together various languages in a completely innovative way.

PSY is their fourth and most recent creation, in which they juxtapose more sombre aspects of the human psyche with the joyful and exhilarating language of the circus. A narrative related with psychic dysfunctions (hallucinations, obsessions, agoraphobia) gives rise to a series of extraordinarily beautiful circus acts - trapeze, juggling, acrobatics, etc. Not to be missed.



Caixa Gestão de Activos
Grupo Caixa Geral de Depósitos

Manuel Mota e Noël Akchoté

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



© Michel Lunardelli



JAZZ

TER 11 DE OUTUBRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

M12

Guitarras Manuel Mota e Noël Akchoté

Encontro de dois guitarristas que percebem a história da música dos últimos 100 anos a partir do seu próprio instrumento, abrangendo a multiplicidade de géneros que o tem tido como protagonista, dos blues acústicos do Mississippi ao rock, passando por uma especial devoção pelo jazz e por figuras como Wes Montgomery e Charlie Christian. Dois guitarristas apostados na experimentação de técnicas e vocabulários, mas atentos às várias tradições – não para passivamente as reproduzir, mas para as reinventar.

Manuel Mota (1970) começou por se dedicar a uma *drone music* de influência minimalista (La Monte Young, Phill Niblock), utilizando a guitarra acústica. Trocou esta, mais recentemente, pela guitarra eléctrica, desenvolvendo as suas próprias técnicas *fingerstyle* com referência nos blues do Delta e aproximando-se de uma linguagem jazz. A sua mais regular parceria tem sido realizada com a contrabaixista e guitarrista Margarida Garcia, mas trabalhou igualmente com o trompetista Sei Miguel e com figuras internacionais como Chris Corsano, Tetuzi Akiyama, Lukas Ligeti, Mattin, Donald Miller, Gino Robair, Ernesto Rodrigues e Jason Kahn. Presentemente, integra os grupos Curia, Dru e Osso Exótico.

Noël Akchoté (1968) tem desenvolvido a sua actividade nos âmbitos do jazz, da livre-improvisação e da música experimental. Tocou com nomes de referência como Henri Texier, Daniel Humair, Louis Sclavis, Sam Rivers, Derek Bailey, Eugene Chadbourne, Fred Frith, Evan Parker, Lol Coxhill, Tim Berne ou George Lewis, e podemos ainda ouvi-lo em discos de figuras tão distintas quanto o compositor contemporâneo Luc Ferrari ou o grupo de rock Earth. Guitarrista assumidamente influenciado por Tal Farlow, Charlie Christian, Larry Coryell e Sonny Sharrock (que homenageou em disco), o seu interesse pelo fenómeno pop levou-o a fazer *covers* de canções de Kylie Minogue, Britney Spears, Daft Punk, Kiss e Ramones.

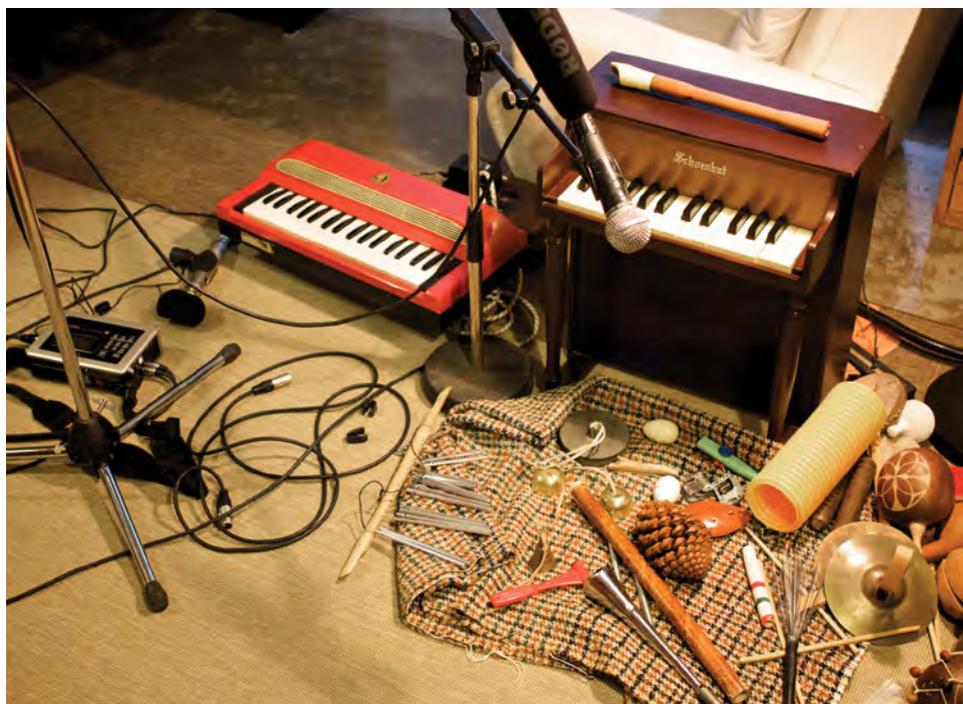
A meeting of two guitarists who view the last 100 years of music history through their own instrument, covering a wide range of genres from Mississippi blues to rock, with a special penchant for jazz.

Manuel Mota (1970) began playing minimalist *drone music* on acoustic guitar, but has since gone electric and developed his own finger-style techniques. His most regular partner has been Margarida Garcia, but he has worked with many other musicians.

Noël Akchoté (1968) has concentrated on jazz, free improvisation and experimental music, but has also developed an interest in pop and rock music.

Som Alvo

Ciclo Vinte e sete sentidos
Organização: Granular



INSTALAÇÃO PERFORMANCE

QUA 12 DE OUTUBRO

Sala 2 · 18h30
Duração aprox. 40 min.
3,50€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo

No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se em 1919 aos “vinte e sete sentidos” da sensorialidade – se tal pareceu então o delírio de um visionário, é finalmente uma realidade neste tempo de derrube das fronteiras entre as artes.

Já não há nichos criativos, apenas diferentes campos de acção artística que cada vez mais se encontram e se entrecruzam.

Integrando os mundos do som, da imagem e/ou do movimento, e adoptando em simultâneo os formatos de instalação e de *performance*, a série “Vinte e sete sentidos” abre as portas da percepção e da sinestesia.

Granular é uma estrutura financiada pelo Secretaria de Estado da Cultura / Direcção-Geral das Artes



Field recordings, teclados, percussão e sopros, laptop e controladores, projecção vídeo Nuno Morão

Som Alvo é uma estória auditiva e visual dos últimos anos, na perspectiva pessoal e subjectiva do autor. Recorre a gravações-de-campo (e de-cidade), posteriormente triadas e editadas e, nesta ocasião, com a companhia de instrumentos e de manipulação em tempo real, procede à construção sonora de um rol de paisagens e ambientes. Os ouvintes e observadores (projectão de imagens fixas e em movimento) serão convidados à imersão e ao confronto de realidades acústicas dissimilares, ou à surpresa de emparelhamentos improváveis. Vales amplos, montanhas íngremes, cidades conturbadas, micro-sons velados. Luz branca.

Nuno Morão estuda composição, órgão de tubos, piano, bateria, percussão variada e uma panóplia de instrumentos de plástico. Pratica a improvisação. Trabalha como músico, compositor e sonoplasta (música original e desenhos de som para teatro, dança, *performance*, instalação, cinema, web, audiolivros e novos *media*), e também como operador, director, montador e misturador de som (desenho, captação, edição, montagem e mistura de som para cinema documental e de ficção). Foi aluno no IGL, FLUL, UA, ESML e UE. Co-fundou o Teatro NÃO e iniciou o projecto UR (com André Sier). Foi director técnico do Escrito na Paisagem. É colaborador do PARQUE (Ricardo Jacinto). Membro do Ensemble JER desde 2001. Actua em vários projectos de música espontânea, improvisada e jazz. Passeia, recolhe e fotografa.

Som Alvo is an auditory and visual story of recent times, seen from the author's personal point of view. Based on outdoor (and urban) recordings, which are later sorted and edited, joined by instruments and manipulated in real time, it uses sound to construct landscapes and environments. Confronted by fixed and moving images, listeners and observers are immersed in dissimilar acoustic realities or surprised by unlikely combinations.

Nuno Morão studies composition, pipe organ, piano, drums, percussão and a wide range of plastic instruments, working as a musician, composer and sound engineer.

Vijay Iyer Trio

Historicity

JAZZ

SEX 14 DE OUTUBRO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h30

18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12



© Lena Adasheva

Piano Vijay Iyer **Contrabaixo** Stephan Crump
Bateria Marcus Gilmore

Vijay Iyer Trio é uma banda de vanguarda que actualiza o clássico trio de jazz. Iyer ao piano, Marcus Gilmore na bateria e Stephan Crump no contrabaixo, criam uma nova e poderosa música firmemente ancorada no *groove* e na batida regular e ao mesmo tempo muito interactiva e com uma estrutura rítmica por vezes complexa. Uma música fluentemente improvisada, todavia misteriosamente sincronizada. Emocionalmente envolvente e inovadora no estilo, na textura, na forma. Influenciada pelos grandes pianistas da história do jazz como Thelonious Monk, Duke Ellington, Andrew Hill e Cecil Taylor, mas também pelas sonoridades clássicas de compositores como Reich, Ligeti, Debussy e Bartók, ou por uma variedade de géneros que abrangem o rock, soul, funk, hip-hop, dub, electrónica ou música africana, ou ainda pela vitalidade rítmica e a subtilidade melódica da música indiana de que Iyer é herdeiro.

Howard Reich escreveu, em *The Chicago Tribune*: “Os três músicos praticamente se transformam num único organismo rítmico... uma das grandes unidades rítmicas actuais”. O *New York Times* proclamou: “Este é o grande novo trio de piano jazz”.

Historicity, o último CD da banda, editado em 2009 pela ACT, com *covers* e originais, é um dos mais aclamados álbuns de jazz da década. Foi considerado o melhor do ano, por, entre outros, *The New York Times*, *Los Angeles Times*, *The Chicago Tribune*, *National Public Radio*, USA, pela votação dos críticos de *Jazz Time*, *Village Voice* ou *Down Beat*. A revista francesa *Jazz Magazine* concedeu-lhe um Choc. O site português JazzLogical deu-lhe 5 estrelas, a nota máxima. O Trio esteve no Jazz no Parque, em Serralves, o ano passado. Agora está em Lisboa num concerto imperdível.

Vijay Iyer Trio has Iyer on piano, Marcus Gilmore on drums and Stephan Crump on bass. Their powerful avant-garde music is highly interactive and frequently has a complex rhythmic structure. Their influences are the great jazz pianists (Monk, Ellington, Hill and Taylor), but also classical composers (Reich, Ligeti, Debussy and Bartók) and a variety of genres from rock to soul, funk, hip-hop, dub, electronics and African music, as well as the rhythmic vitality and melodic subtlety of Indian music.

Historicity, the band's latest CD, was considered one of the best jazz albums of the last decade.

doclisboa 2011

IX Festival Internacional de Cinema



Jean Rouch e Damouré - Foto CFE-DR

CINEMA

DE QUI 20 A DOM 30
DE OUTUBRO

Grande e Pequeno Auditórios
Das 11h às 23h
3,5€ (estudantes: 3€)
Preços especiais: voucher de
10 bilhetes e grupos escolares

Filmes legendados
em português

Programa disponível
em www.doclisboa.org
a partir de 4 de Outubro

Organização Apordoc - Associação pelo Documentário

11 dias para partilhar um retrato vivo e cinematográfico do estado do mundo e da linguagem do documentário.

Com uma nova directora, Anna Glogowski, o doclisboa regressa de 20 a 30 de Outubro, oferecendo o melhor e mais representativo do documentário nacional e internacional, tanto a nível de filmes inéditos em Portugal, quanto a retrospectivas e homenagens a grandes nomes do cinema do real.

Cinquenta anos após o início da luta armada dos povos colonizados por Portugal, um programa original de grande relevância política: uma retrospectiva histórica de filmes sobre as guerras de libertação das colónias portuguesas em África. Um resgate das obras cinematográficas mais significativas filmadas junto dos Movimentos de Libertação, cuja raridade e dispersão prometem reflexão, descobertas e emoção.

Jean Rouch (1917-2004), etnólogo e cineasta, será homenageado com uma mostra que promete ser a maior retrospectiva do autor, jamais realizada no país. A sua obra, em constante renovação desde os anos 50 quando começou a filmar em África, influenciou o cinema moderno, até a própria Nouvelle Vague. Uma obra que vem sendo restaurada desde 2008, pelo Centre National de la Cinématographie.

Outra retrospectiva será dedicada a Harun Farocki, um dos mais conceituados realizadores contemporâneos da Alemanha, artista e teórico da media, autor de uma obra variada em filme e vídeo, profundamente politizada.

Os documentários mais relevantes do ano, portugueses e internacionais - curtas e longas - estarão presentes nas várias competições, e na secção «Investigações».

E, mais uma vez, a secção «Riscos» reunirá filmes recentes que estabelecem a ponte entre a ficção, o ensaio e o cinema do real.

Sem esquecer o «Heartbeat», que celebrará a relação entre a música e o documentário.

Now with a new director, Anna Glogowski, doclisboa will be back in Lisbon from 20 to 30 October, with the best in national and international documentary films.

Fifty years after the beginning of the Portuguese colonial wars, this year's programme will include a historical retrospective of films about the struggle for freedom in Africa. There will also be a major tribute to Jean Rouch (1917-2004), whose work had such a powerful influence on modern cinema, including the Nouvelle Vague itself, and a retrospective of the work of the German director Harun Farocki, as well as the festival's customary sections.

Organização

apordoc

Parceiros Institucionais

ICA

Câmara Municipal
lisboa

MEDIA

Co-produção

FUNDAÇÃO CASA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

EGEAC

INSTITUTO DE INVESTIGACÃO E INOVAÇÃO EM CINEMA

Tempo, Espaço, Intencionalidade: nos 70 anos de Emmanuel Nunes

SIMPÓSIO

SEX 4, SÁB 5, DOM 6
DE NOVEMBRO

Pequeno Auditório
Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Organização

Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical [CESEM] e Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Nascido em Lisboa, em 1941, Emmanuel Nunes é o compositor português vivo mais divulgado internacionalmente, tendo sido professor na Escola Superior de Música de Friburgo (Alemanha) e no Conservatório Nacional de Paris. Indelévelmente marcado pelos escritos teóricos de Pierre Boulez, pelas aulas com Stockhausen, pelas leituras de Edmund Husserl e Merleau-Ponty, mas também pelos textos místicos de Jacob Böhme, pelo livro do *Zohar* e pela Árvore da Vida hebraica, pelas obras de Goethe e

Dostoevsky, e ainda pelas inúmeras possibilidades da electrónica musical, Emmanuel Nunes desenvolveu uma linguagem centrada no fenómeno sonoro em si mesmo, entendido como 'aparição' profunda – única e singular. Ao longo da sua obra três elementos emergem como referências fundamentais: a reflexão sobre o *tempo*, a atenção dada ao *espaço*, e a ideia omnipresente de *intencionalidade*, tanto da escuta como da composição. Dedicado a estes três temas – tempo, espaço, intencionalidade – o presente simpósio aprofundará a reflexão



© João Messias

sobre a obra de Emmanuel Nunes, além de homenagear o compositor no seu septuagésimo aniversário.

Born in Lisbon, in 1941, Emmanuel Nunes is the best known living Portuguese composer, having taught at music schools in Germany (Freiburg) and Paris. Due to his various influences, Emmanuel Nunes has developed a language centred on the sound phenomenon in itself, which he sees as a profound and unique 'apparition'. There are three fundamental references in his work: the reflection on *time*, the attention given to *space*, and the omnipresent idea of *intentionality*, both in the listening and in the composition. This symposium, held in honour of his 70th birthday, will explore these three themes.

SEXTA-FEIRA 4

17h-17h30 Abertura. Mário Vieira de Carvalho/Paulo Assis
17h30-18h30 *Tempo, espaço, intencionalidade – um retrato de Emmanuel Nunes*, Paulo Assis (Universidade Nova de Lisboa)

19h-19h30 Apresentação do livro *Emmanuel Nunes – Escritos e Entrevistas* (Edições Casa da Música/CESEM), Mário Vieira de Carvalho (UNL), Paula Gomes Ribeiro (UNL), Paulo Assis (editor, UNL), Andreas Stascheidt (Universidade de Essen), e José Luís Borges Coelho (Casa da Música)

21h *La Douce* (Projeção DVD). Teatro musical para dois actores, soprano, contratenor, ensemble e live-electronics (2008/09). Libreto de Emmanuel Nunes baseado no conto *La Douce* de Dostoiévski. Remix Ensemble

SÁBADO 5

09h30-10h30 Keynote speech. *Tisser, retisser – Emmanuel Nunes, analyste de la Seconde Cantate d'Anton Webern*, Laurent Feneyrou (CNRS/Ircam)

11h-12h30 "*Litanies du Feu et de la Mer I*" e "*Litanies du Feu et de la Mer II*" – *dois dizeres, uma mesma intenção*, Helena Santana (Universidade de Aveiro) & Maria do Rosário Santana (Instituto Politécnico da Guarda); *'Degrés' e 'Esquisses' – Campos de tempo*, Bruno Gabirro (Universidade Nova de Lisboa); *Emmanuel Nunes, crítico de música*, Jaime Reis (Universidade Nova de Lisboa)

14h30-15h30 Keynote speech. *Metamorphoses in 'Wandlungen' – Identity, Mutation, Difference*, João Rafael (Friburgo)

15h30-16h30 *A percussão na obra de Emmanuel Nunes*, Pedro Carneiro; *'Quodlibet' – quando o espaço se torna elemento constitutivo de obra*, Helena Santana (Universidade de Aveiro) & Maria do Rosário Santana (Instituto Politécnico da Guarda)

17h-18h30 *Gérard Grisey: A Lifetime in Progress*, Nicola Davico (Conservatório G. Verdi de Turim); *Constructing the timbre: pitch, time and musical discourse in Ligeti's 'Atmosphères'*, Jean-Michel Court (Universidade de Toulouse); *Space and spatialization as discrete parameter in music composition*, Valerio Sannicandro

DOMINGO 6

09h30-10h30 Keynote speech. *Emmanuel Nunes' electronic and mixed works at Ircam*, Eric Daubresse (Ircam)

10h30-11h *New advances in musical aesthetics and electro-acoustic possibilities: 'Lichtung I' and 'Quodlibet'*, Joan Riera (Universidade de Aveiro)

11h30-12h30 Keynote speech. *Autour de Vieira da Silva et Emmanuel Nunes*, Jean-Marc Chouvel

12h30-13h *Possibilities of composing in the early 1960's in Portugal: Observations on selected works of Emmanuel Nunes*, Fernando Lopes-Graça, and Jorge Peixinho, Gilbert Stoeck (Universidade de Leipzig)

15h-16h *A Relational Phenomenology of Time and Space*, Lauren Redhead (Universidade de Leeds); *Sacred Temporal Model: Cultural Temporal Experience and Sound Strategies*, Julia Shpinitzkaya (Universidade de Helsínquia)

16h-17h30 Keynote speech. *Phenomenological Philosophy within the Horizon of Music: On Emmanuel Nunes' "Lecture 'Musicale' de Husserl"*, Andreas Stascheidt (Universidade de Essen)

18h-19h Intervenção final. Emmanuel Nunes

CENTRO DE ESTUDOS DE SOCIOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL
CESEM

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

histoire(s) história(s) de Olga de Soto

Integrado no Festival Temps d'Images



© Dolores Marat

VÍDEO PERFORMANCE DOCUMENTÁRIO

SEX 4, SÁB 5
DE NOVEMBRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Falado em francês,
com legendas em português

Na sexta-feira 4 de Novembro,
após o espectáculo, haverá
uma conversa com Olga de
Soto na Sala 1.

A coreógrafa Olga de Soto é subsidiada pelo Ministère de la Communauté française Wallonie-Bruxelles. Encontra-se actualmente em residência artística nos Halles de Schaerbeek (Bruxelas) e em residência administrativa na La Raffinerie - Centre Chorégraphique de la Communauté française de Belgique (Bruxelas).

Este projecto foi iniciado no âmbito da programação da Culturgest, em 2003, e estreado, com o título *histoire(s)*, em Maio de 2004, no Kunstenfestivaldesarts, em Bruxelas.

histoire(s) é um trabalho de pesquisa que tem como ponto de partida o espectáculo de Roland Petit *Le Jeune Homme et la Mort*.

Conceito, direcção e coreografia Olga de Soto
Criado com Vincent Druguet e Olga de Soto **Intérpretes** Cyril Accorsi e Olga de Soto **Realização vídeo, câmara e som** Olga de Soto **Testemunhos de** Micheline Hesse, Suzanne Batbedat, Robert Genin, Brigitte Evellin, Julien Pley, Françoise Olivaux, Olivier Merlin e Frédéric Stern **Montagem vídeo** Montxo de Soto e Olga de Soto **Música** Johann Sebastian Bach, *Sarabanda* da Suite inglesa nº2 BWV 807, *Sarabanda* da Suite inglesa nº5 BWV 810, *Passacaglia* em dó menor BWV 852 (transcrição para piano) interpretadas ao piano por Angela Hewitt (CDA67309 & CDA67451/2 Hyperion Records Ltd London) **Cenografia** Thibault Van Craenenbroeck **Desenho de luz** Henri-Emmanuel Doublie **Direcção técnica** Christophe Gualde **Produção** NIELS (Bruxelas) **Co-produção** Kunstenfestivaldesarts, Centre National de la Danse - Pantin **Apoio** COM4 HD - Madrid, Ministère de la Communauté française Wallonie-Bruxelas - Secteur Danse **Responsável pela digressão** Caravan Production, Bruxelas

Em Junho de 2003, a convite de António Pinto Ribeiro, no âmbito do programa *Homenagem a Le Jeune Homme et la Mort*, que evocava o bailado estreado em Paris em Junho de 1946 no Théâtre des Champs Élysées, com libreto de Jean Cocteau, coreografia de Roland Petit e memorável interpretação do bailarino Jean Babilée, a coreógrafa Olga de Soto criou para a Culturgest *História (primeira versão)*, apresentada num espectáculo partilhado com o compositor Luís Tinoco (*Imaginary Landscape - a melodrumming after Cocteau*) e com o coreógrafo Hervé Robbe (*REW - vers une utopie du renoncement*).

Depois destas apresentações em Lisboa, Olga de Soto continuou a desenvolver o projecto, que deu origem ao vídeo *performance* documentário *histoire(s)* estreado em 2004 no Kunstenfestivaldesarts, em Bruxelas que, desde então, tem circulado por toda a Europa com enorme sucesso, e agora apresentamos.

Trata-se do resultado de uma pesquisa sobre o que perdura de um espectáculo da dança na memória dos espectadores, com recurso aos comoventes testemunhos filmados de alguns espectadores mais de meio século após terem assistido às primeiras apresentações de *Le Jeune Homme et la Mort* em 1946, no imediato pós-guerra.

In June 2003, Olga de Soto was invited by António Pinto Ribeiro of Culturgest to create her *Histoire (first version)*, which she presented in a show shared with the composer Luís Tinoco and the choreographer Hervé Robbe. After these Lisbon shows, Olga de Soto continued to develop the project, which gave rise to the performance / video *histoire(s)*, première in 2004 at the Kunstenfestivaldesarts, in Brussels, and later becoming a huge success all around Europe. This is the video being shown here today, the result of her research into what remains in the memory of the spectators after a dance performance.

Sur les traces de *La Table Verte*. Une introduction

Na pista de *A mesa verde*.
Uma introdução
por Olga de Soto

Integrado no Festival Temps d'Images



© Grégoire Romefort

CONFERÊNCIA PERFORMANCE

TER 8, QUA 9
DE NOVEMBRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h10
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Falado em francês,
com legendas em português

A coreógrafa Olga de Soto é subsidiada pelo Ministère de la Communauté française Wallonie-Bruxelles. Encontra-se actualmente em residência artística nos Halles de Schaerbeek (Bruxelas) e em residência administrativa na La Raffinerie – Centre Chorégraphique de la Communauté française de Belgique (Bruxelas).

Este projecto beneficiou das Bolsas de Investigação do Ministère de la Communauté Française de Belgique – Secteur Danse e Ministère de la Culture et de la Communication

Residências de pesquisa: Centre National de la Danse – Pantin (2006), Centre Chorégraphique de la Communauté française de Belgique – Charleroi/Danses (2006-2009)

Conceito, documentação, câmara, som, texto e apresentação Olga de Soto **Testemunhos** Micheline Hesse, Brigitte Evellin, Suzanne Batbedat, Françoise Olivaux, Frederic Stern, Françoise Dupuy e Michelle Nadal **Realização vídeo** Olga de Soto **Montagem vídeo** Julien Contreau e Olga de Soto **Extractos do filme** “The Green Table”, BBC 1967, BBC Motion Gallery **Voz off** Kurt Jooss (extracto da entrevista Berghson-Jooss, Califórnia, 1974, com autorização de Tanzarchiv Köln) **Genérico** Stéphan Higelin **Assistente de pesquisa documental nos Arquivos de Colónia** Katja Herlemann **Direcção técnica** Christophe Gualde **Direcção de luzes** Bram Moriau **Direcção de som e vídeo** Pierre Gufflet **Fotografias de** Kurt Hegel, Marian Reisman, Riwwin, Sacha Stone, Fritz Henle e fotógrafos desconhecidos. Três fotografias de “La Table Verte” de Albert Renger-Patzsch/Albert Renger-Patzsch Archiv – Ann und Juergen Wilde/VG Bild-Kunst, Bonn/SABAM, Belgica 2010 **Produção** NIELS (Bruxelas), em colaboração com Caravan Production (Bruxelas) **Co-produção** CCN de Franche-Comté (Belfort), Les halles (Bruxelas), TanzWerkstatt Berlin/Tanz im August (Berlim), Charleroi-Danses/Centre Chorégraphique de la Communauté française (Charleroi, Bruxelas, para a pesquisa em 2007 e 2008), Culturgest (Lisboa) **Apoio** Ministère de la Communauté française de Belgique – Secteur danse, Arquivos Jooss, (Cologne/Amsterdam), Deutschen Tanzarchives Köln

Olga de Soto, que podemos considerar precursora de um movimento de pesquisa e recuperação da memória da dança do século XX, que hoje tem cada vez mais força entre os criadores e intérpretes da dança contemporânea europeia, está actualmente a desenvolver um trabalho de pesquisa sobre *A mesa verde*, bailado mítico de Kurt Jooss em que podemos ler uma antevisão do fascismo e da guerra, e que estreou no Théâtre des Champs Elysées em Julho de 1932 – no mesmo teatro parisiense em que, em 1946, estreou *Le Jeune Homme et la Mort*, ponto de partida do espectáculo anterior, *histoire(s)* – escassos meses antes da ascensão de Hitler ao poder.

Com *Une introduction*, Olga de Soto apresenta a primeira de duas partes que compõem este projecto, de que a Culturgest é co-produtora. Um momento de abertura e de proximidade, de partilha com os espectadores do processo de criação e de documentação. A revelação de um processo de trabalho complexo, pontuado por questões e desenvolvimentos, pistas desenhadas e percorridas num processo de documentação que se assemelha a um verdadeiro inquérito. Descobertas inesperadas, respigadas ao longo de um trabalho dramático intenso sobre uma memória colectiva tocante.

Olga de Soto researches into the memory of dance in the 20th century and is considered one of the great creators and interpreters of European contemporary dance. She is currently researching into *The Green Table*, Kurt Jooss' mythical ballet, première at Théâtre des Champs Elysées in July 1932.

Recital a dois cravos

Ciclo Concertos no Palco



MÚSICA

SÁB 12 DE NOVEMBRO

Palco do Grande Auditório
18h · Duração aproximada:
1h10 com intervalo
10€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

François Couperin (1668-1733)
Allemande à deux clavecins

Gaspard Le Roux (ca.1660-1707)
Suite em Ré para dois cravos

J.S. Bach (1685-1750)
Fantasia em Lá menor,
BWV 922

Concerto em Dó Maior,
BWV 1061
Allegro; Adagio ovvero Largo;
Fuga

Fantasia em Dó menor,
BWV 906

**Christoph Schaffrath
(1709-1763)**
Duetto II em Lá menor
Allegro; Adagio; Allegro

Mário Laginha (1960)
Peça para dois cravos
(estreia mundial)

G.F. Händel (1685-1759)
Concerto grosso em Lá menor
op. 6/4 - Arranjo de Enrico
Baiano
Larghetto Affetuoso; Allegro;
Largo e Piano; Allegro

Cravo Apopo Häkkinen Cravo Marcos Magalhães

Neste concerto o público poderá deleitar-se com o cravo, esse instrumento mágico que reinou por todo o barroco. Levado pelas quatro mãos dos dois cravistas.

O cravo é um mecanismo de alta precisão que resulta da arte dos construtores que o aperfeiçoaram entre os séculos XV e XVIII. Com o órgão, seu instrumento irmão, partilha a faculdade de tocar toda a música. Dos graves aos agudos, do simples ao extremamente complexo. Uma orquestra debaixo dos dedos. As cordas do universo em vibração. Beliscadas por mãos amáveis. É esse inebriamento sonoro que nos levou (a mim e ao Apopo) para o estudo do cravo e que aqui buscamos em dose dupla. Esperemos também que o possamos respeitosamente transmitir ao público.

Marcos Magalhães

Apopo Häkkinen iniciou os seus estudos de cravo em Helsínquia, em Amesterdão com Bob van Asperen e em Paris com Pierre Hantäi. Várias vezes premiado, tem-se apresentado como solista, músico de câmara ou maestro por toda a Europa, Israel, Estados Unidos e México, em festivais e salas de grande prestígio.

Gravou inúmeros CD's para seis editoras. É director artístico da Orquestra Barroca de Helsínquia.

Marcos Magalhães estudou em Lisboa e no Conservatório Nacional de Música de Paris com grandes cravistas. Desenvolve há anos uma intensa actividade concertística no país e no estrangeiro. Trabalhou, entre outras, com as orquestras Gulbenkian, Metropolitana, Barroca da União Europeia. Participou em várias óperas. Fundou Os Músicos do Tejo com os quais dirigiu no CCB, com grande sucesso de público e de crítica, as óperas *La Spinalba*, *Lo Frate 'nnamorato* e *Le Carnaval et la Folie*. Os Músicos do Tejo gravaram os CD's *Sementes do fado* e *As árias de Luisa Todí*, muito saudados pela crítica.

Like the organ, the harpsichord can play all music. An orchestra beneath one's fingers. Its inebriating sound led me and Apopo to study the harpsichord and today we offer you a double dose.
Marcos Magalhães

Apopo Häkkinen studied harpsichord in Helsinki, Amsterdam and Paris, winning several awards as a soloist, chamber musician and conductor. He is currently Director of the Helsinki Baroque Orchestra.

Marcos Magalhães studied harpsichord in Lisbon and Paris, playing many concerts in Portugal and abroad. He has worked with many different orchestras and made several highly praised recordings.

Ciclo de Conferências

Mário Moura

CONFERÊNCIAS

SÁB 12 DE NOVEMBRO
SÁB 17 DE DEZEMBRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

A ideia de partida para cada uma das seis conferências de Mário Moura, que decorrerão entre Novembro de 2011 e Abril de 2012, a um ritmo mensal, é escolher um objecto, um livro, que permita, por sua vez, apontar para outros objectos, outros livros, mas também para exposições, filosofias, políticas, etc. As escolhas, longe de obedecerem a determinada ordem, cronológica ou temática, assentam num critério difuso: cada livro, na sua forma física, na maneira como decide ocupar as suas páginas, no modo como hierarquiza os seus conteúdos, ou como as suas imagens se relacionam com o seu texto, implica não apenas uma autoria, mas também uma forma de edição e uma forma de se relacionar com a realidade, com a sociedade, com a política ou com a história.

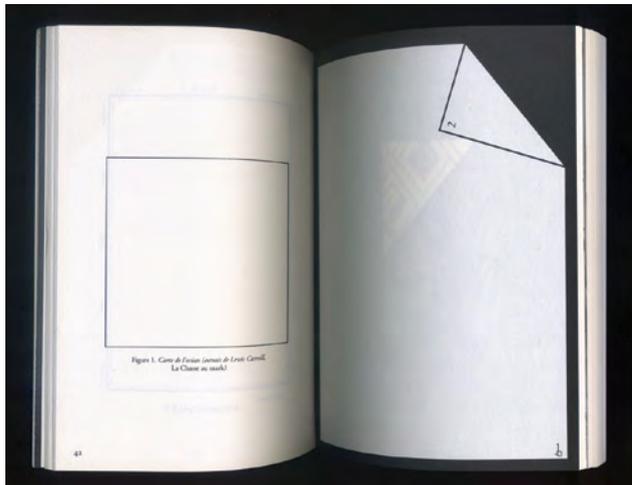
Mário Moura é crítico de design. Escreve regularmente para jornais, revistas e antologias. Mantém o blogue

ressabiator.wordpress.com desde 2004. Publicou o livro *Design em Tempos de Crise*, editado pela Braço de Ferro em 2009. Lecciona cadeiras de tipografia, história do design e autoria no design nas Faculdades de Belas-Artes das Universidades do Porto e de Lisboa.

In each of the six monthly lectures that Mário Moura will give from November 2011 to April 2012, the starting point will be the choice of an object, a book, which in turn can direct attention towards other objects, other books, but also towards exhibitions, philosophies, politics, etc. Far from adhering to any particular order, chronology or theme, the choices are based on a diffuse criterion:

in its physical form, the way it decides to occupy its pages, the hierarchy it uses to order its contents, the way its images relate to its text, each book implies not only an authorship, but also a particular form of publication and a way of relating to reality, society, politics or history.

Mário Moura is a design critic. He writes regularly for newspapers, magazines and anthologies. He has had his own blog ressabiator.wordpress.com since 2004, and he is the author of *Design em Tempos de Crise*, published by Braço de Ferro in 2009. Mário Moura lectures in typography, history of design and authorship in design at the Fine Arts Faculties of Porto and Lisbon Universities.



Páginas de *On the Self-Reflexive Page*, de Louis Lüthi

Sáb 12 de Novembro
1. *On the Self-Reflexive Page*, de Louis Lüthi (Roma Publications, 2010)

Este livro é uma antologia de páginas recolhidas em outros livros e seleccionadas por, de alguma maneira, chamarem a atenção para o seu lado concreto, material – o que desde logo nos levanta algumas questões: trata-se realmente de uma antologia ou de um catálogo? Foi feito para ser lido ou para ser visto? É, a seu modo, uma colecção ambígua de textos ou de imagens – ou talvez de textos que, através de uma selecção, se tornaram imagens, ao ilustrarem o ensaio que dá o nome ao livro e que toma como assunto páginas auto-reflexivas, páginas que sublinham o seu estatuto de página. São textos que assim são convocados como ilustrações de um outro texto, que se situa como um apêndice ao livro. Porém, ao separar-se essas páginas do texto de Louis Lüthi, elas tornam-se um ensaio visual único, uma montagem de páginas de origens muito diversas, formando uma espécie de livro-colagem.

Este carácter incerto é um ponto de partida para falar das estratégias editoriais de certas publicações contemporâneas, que oscilam regularmente entre áreas disciplinares, usando formatos experimentais de edição, recorrendo a métodos de apropriação e reutilização de objectos (sejam eles textos, imagens ou referências), que mudam radicalmente através destes processos, e pondo em causa as hierarquias tradicionais entre texto e imagem, entre publicação e exposição, entre arte, *design* e literatura.

A análise deste livro serve, assim, também de pretexto para introduzir e comentar as estratégias editoriais usadas em publicações como a *Dot Dot Dot* (onde o texto de Lüthi foi publicado), a *F.R. David*, que funciona editorialmente de um modo análogo a este livro, ou a exposição e o catálogo *Extended Caption*. Por outro lado, e tendo como ponto de partida os textos convocados, que incluem autores como Georges Perec, Lewis Carroll, Jonathan Safran Foer, Lawrence Sterne ou Mallarmé, é possível investigar os locais onde a edição actual encontra a sua filiação histórica.

Sáb 17 de Dezembro
2. *Pioneers of Modern Typography*, de Herbert Spencer (Lund Humphries, 1969)

A importância deste livro talvez se possa avaliar por uma anedota do pós-*punk*, provavelmente apócrifa: em 1978, quando Peter Saville, então um jovem estudante de *design*, foi pedir emprego a Tony Wilson, o fundador da Factory, não levou um portfólio do seu próprio trabalho, mas uma cópia deste livro, roubada na biblioteca da escola, dizendo que, se fosse contratado, queria fazer trabalhos como aqueles. Muita da obra posterior de Saville não desmentiria esta primeira provocação, citando e roubando sempre que possível o *design* mostrado em *Pioneers*. Num certo sentido, a anedota resumia bem o espírito de uma época marcada pela apropriação, pela citação e pelo historicismo, época a que o crítico cultural Jon Savage viria a chamar “the age of plunder”,

num ensaio com esse título, publicado na revista *The Face* (onde usava como exemplo as capas de discos de Saville).

Pioneers mostrava a história de uma maneira nova, dessacralizando-a e tornando-a acessível à apropriação. Os trabalhos apresentados, todos de *designers* modernistas, não são mostrados como documentos, isolados por uma margem branca, identificados claramente com uma legenda, mas como objectos vivos, quentes, sem fronteiras definidas à partida, confundindo-se com as suas legendas e com o próprio texto de Spencer. Não se tratava de reproduzir originais, mas de os reencenar através do uso de técnicas de impressão exóticas e tácteis, de diferentes papéis e de reenquadramentos ousados. A estratégia foi criticada na época por não mostrar o devido respeito pelos mestres, no fundo por não corresponder às convenções de reprodução de imagens num catálogo. A transgressão acabaria por se revelar produtiva, pelo menos no caso de Saville.

A partir deste exemplo, Mário Moura irá abordar o ideal modernista do “livro integrado”, onde a interacção estreita entre imagem e texto serve de suporte a uma nova forma de sociedade, um ideal que foi posto em prática em livros de László Moholy-Nagy, como *The New Vision* e *Vision in Motion*, nos guias de viagem concebidos por Chris Marker, ou nos atlas de Herbert Bayer.

Joe Morris Wildlife Quartet

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa
Concerto integrado no Clean Feed Fest



JAZZ

DOM 13, SEG 14
DE NOVEMBRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

M12

Contrabaixo Joe Morris Saxofone alto Jim Hobbs
Saxofone alto e tenor Petr Cancura Bateria Luther Gray

Que Joe Morris é um dos mais originais guitarristas da actualidade é algo que repetidamente se tem afirmado. Foi como guitarrista que se apresentou em duo com Barre Phillips aqui na Culturgest, também integrado no ciclo “Isto é jazz?”. Mas o seu trabalho como contrabaixista é igualmente notável, abrindo a personalidade musical desta figura cimeira do jazz de hoje. É com o contrabaixo que o encontramos no seu Wildlife Quartet. O nome da formação diz tudo quanto ao que se propõe: tocar um pós-bop não domesticado por formalismos, de estruturas abertas e expressividade livre, e tão cru na energia quanto lírico nas motivações.

Consigno, Morris tem um frequente *compagnon de route*, o saxofonista alto Jim Hobbs. A cumplicidade entre ambos é tal que dificilmente funcionariam do modo que lhes ouvimos se não fosse um com o outro. Mas porque esse especial entrosamento poderia resultar algo securizador para o grupo, e demasiado familiar para nós, seus ouvintes, Morris foi buscar como segundo sax (alto e tenor) o jovem checo Petr Cancura, igualmente excepcional nas suas capacidades, e com uma abordagem bem distinta da, regra geral, partilhada pelos sopradores norte-americanos. Com ele, Joe Morris sabe que não há qualquer possibilidade de se resvalar para situações óbvias – nesse aspecto reforçando a heterodoxia de Hobbs – ou para desfechos já propostos por outros. É isso também, de resto, o que lhe proporciona Luther Gray, um antigo baterista punk cuja visão das métricas e das texturas jazzísticas nada tem de convencional.

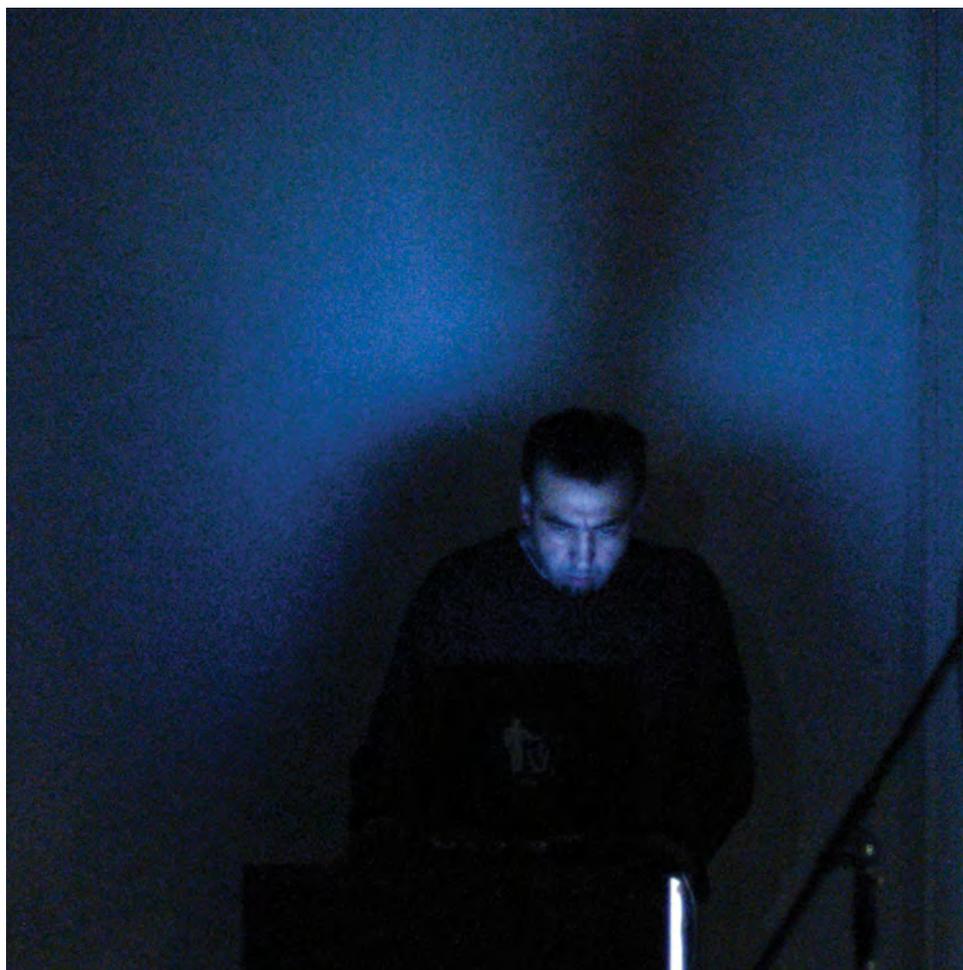
Contextualizado o Joe Morris Wildlife Quartet na presente vaga que tem recebido a designação de *free bop*, o certo é que o caminho que está a percorrer se destaca por tudo o que tem de específico. Nesta paragem em Portugal perceber-se-á ao vivo – a melhor forma de se apreciar esta música, digam o que disserem os discófilos – o porquê da fama que o precede e de todas as diferenças que introduziu na cena jazzística.

One of the most original modern-day guitarists, Joe Morris first appeared here at Culturgest in a duo with Barre Phillips, in the cycle “Is this Jazz?”. Now he plays double bass with his Wildlife Quartet in a concert of open structures and free expression, not restrained by any formalism.

Joining Morris is his frequent accomplice, alto saxophonist Jim Hobbs. But to avoid their special understanding resulting in music that is overfamiliar, Morris is also accompanied by Petr Cancura as a second saxophonist (alto and tenor) and Luther Gray, a former and somewhat unconventional punk rock drummer.

Filament(o)

Ciclo Vinte e sete sentidos
Organização: Granular



© Olaf Hirschberg

INSTALAÇÃO PERFORMANCE

QUA 16 DE NOVEMBRO

Sala 2 · 18h30
Duração aprox. 50 min.
3,50€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo

No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se em 1919 aos “vinte e sete sentidos” da sensorialidade – se tal pareceu então o delírio de um visionário, é finalmente uma realidade neste tempo de derrube das fronteiras entre as artes.

Já não há nichos criativos, apenas diferentes campos de acção artística que cada vez mais se encontram e se entrecruzam.

Integrando os mundos do som, da imagem e/ou do movimento, e adoptando em simultâneo os formatos de instalação e de *performance*, a série “Vinte e sete sentidos” abre as portas da percepção e da sinestesia.

Granular é uma estrutura financiada pelo Secretaria de Estado da Cultura / Direcção-Geral das Artes



Concepção, composição e difusão Vitor Joaquim
(*laptop*, controladores, acessórios acústicos)
Programação de *ploter* Diogo Tudela

O nosso dia a dia está cada vez mais poluído por mensagens rápidas e curtas. O que não é intenso e recortado, não se afirma. A sensação de estar, e sobretudo estar sem tempo, está cada vez mais alheada de nós. Vivemos num mundo povoado de informação e ao mesmo tempo em risco de permanente ignorância.

Não nos damos o tempo de parar, respirar e continuar a estar. Sentimo-nos constantemente compelidos a avançar em direcção a algo. Quer essa coisa seja absolutamente vital para nós, ou completamente inútil. As frases curtas dominam, e só elas parecem ser efectivas. São os tempos do *buzzword* e do *sound bite*. Tempos em que a devoção está cada vez mais desligada de cada gesto que fazemos. Tudo é reduzido à noção de tarefa, tudo tem de ser fácil e lógico.

Filament(o) é um grito silencioso contra este massacre e contra as constantes imposições a que somos submetidos. Ainda temos os nossos corações para sabermos o ritmo a que devemos viver, e como devemos viver. Não precisamos de nos atirar contra o limite de nós próprios a cada momento. Temos de devolver o tempo ao tempo. *Filament(o)* é a minha resposta face a esta lógica implacável. Uma resposta que não é linear, que não é curta, nem rápida, nem fácil. Uma resposta que é tudo o contrário, tendo o ouvido e o ouvir como formas de chegar a uma melhor compreensão do mundo e de nós próprios.

Vitor Joaquim

Vitor Joaquim é improvisador electrónico, compositor e artista media. Formou-se em cinema nas áreas de som e realização. Criou para dança, teatro, instalações e multimédia. Apresenta-se regularmente ao vivo um pouco por toda a Europa, ora a solo ora em colaborações diversas com criadores das mais variadas áreas.

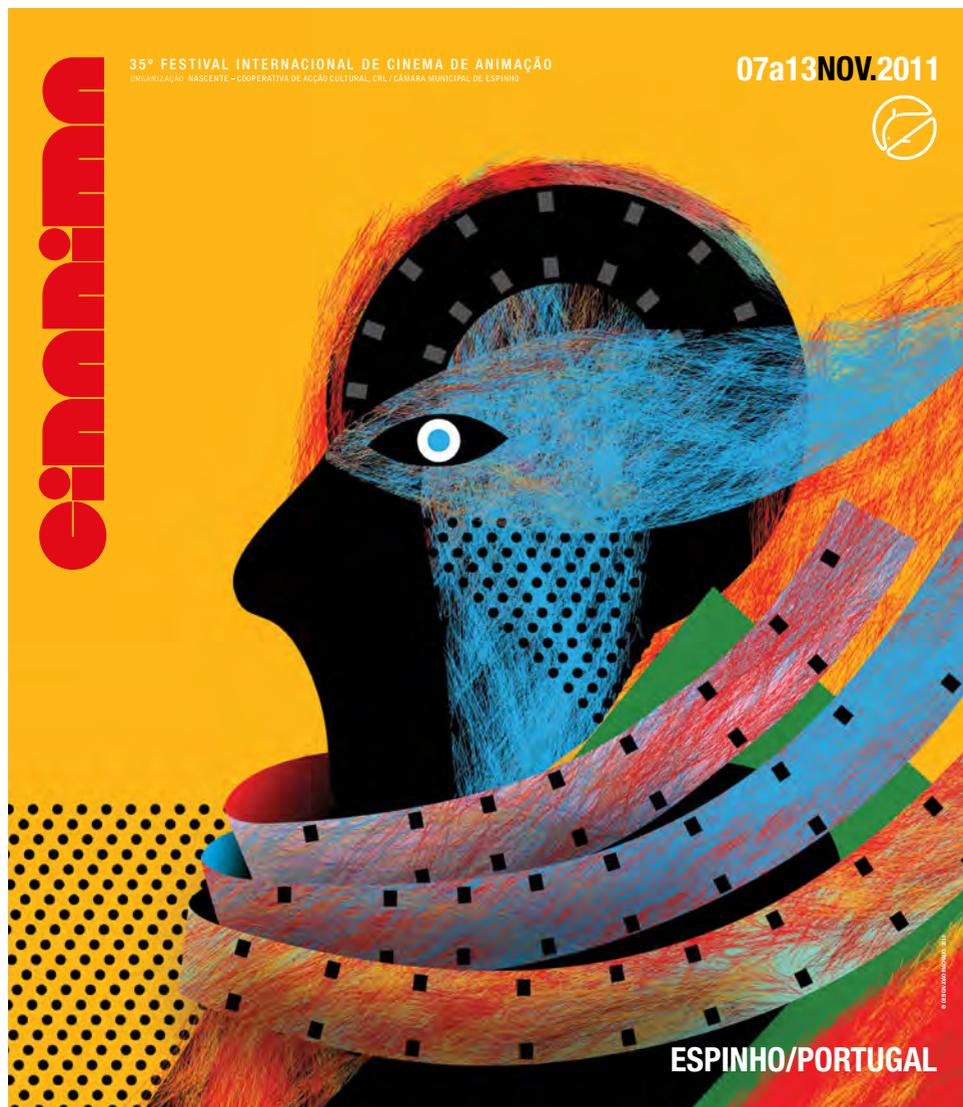
www.vitorjoaquim.pt

Our daily life is increasingly polluted by short quick messages. What isn't snappy doesn't count. Without time to stop and breathe, we must keep moving forward in search of something, be it vital or useless. It's the era of the *buzzword* and the *sound bite*. *Filament* is my silent protest against this relentless logic, neither linear, rapid nor easy, requiring people to listen instead.

Vitor Joaquim is an electronic improviser, composer and media artist, working with dance, theatre, installations and multimedia, regularly appearing live all over Europe, either alone or with other artists.

Cinanima

Festival Internacional de Cinema de Animação



Cartaz do festival © João Machado

CINEMA

DOM 20 DE NOVEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

M12

O Cinanima - Festival Internacional de Cinema de Animação é o mais importante festival de cinema de animação português.

Realiza-se em Espinho desde 1976, tendo este ano a sua 35ª edição, o que o torna um dos mais antigos festivais deste tipo de cinema em todo o mundo. É organizado pela Cooperativa NASCENTE e pela Câmara de Espinho. Para além das secções não competitivas, tem duas secções competitivas principais. A Secção Internacional abrange as categorias de Curtas-metragens, Longas-metragens, Primeiro Filme ou Filme de Estudos, Publicidade e Informação.

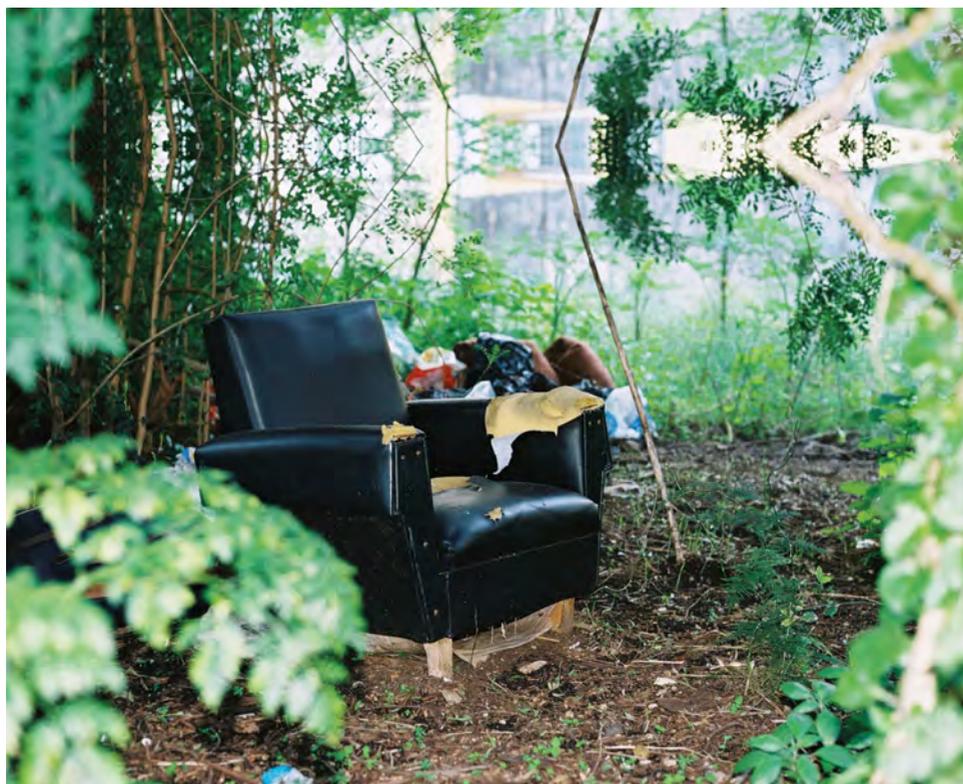
Na Competição Nacional há dois concursos: Prémio António Gaio, para o melhor filme português em competição e Prémio Jovem Cineasta Português. O Cinanima atribui prémios relativos a cada categoria, e vários outros como, por exemplo, o Grande Prémio Cinanima 2011 para o melhor filme do Festival, o Prémio Especial do Júri ou o Prémio José Abel.

À semelhança do que vem acontecendo desde há uns anos, a Culturgest tem o prazer de se associar ao Cinanima projectando uma selecção de filmes premiados feita pela organização do Festival.

Cinanima - the International Animation Film Festival - is Portugal's leading festival in this field. It has been held in Espinho since 1976, making it one of the world's longest-running animation festivals. There are non-competitive sections, plus two main competition sections. The international section covers short and feature-length films, first film or student films, advertising and information. The Portuguese competition is for best Portuguese film in competition and the Young Portuguese Film-maker Award. There are also several other competition sections. Culturgest will also be showing a selection of award winning films chosen by the organizers.

Não se vê que sou eu mas é um retrato de Rita Natálio

Artista convidada Luciana Fina
Integrado no Festival Temps d'Images



© Inês Abreu e Silva

PERFORMANCE

TER 22, QUA 23
DE NOVEMBRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h15
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na terça-feira dia 22
de Novembro, após o
espectáculo, haverá uma
conversa com os artistas no
Pequeno Auditório.

Parcerias: Centro de
Investigação e Estudos
de Sociologia do Instituto
Universitário de Lisboa
(CIES-ISCTE)

Direcção artística Rita Natálio **Artista convidada - criação**
instalação cénica Luciana Fina **Performers** Cláudio da Silva,
Carla Bolito, Nuno Lucas **Texto original** Rita Natálio **e escrita**
colectiva de Carla Bolito, Cláudio da Silva e Nuno Lucas
Desenho de luz Carlos Ramos **Desenho de som** Rui Dâmaso
Acompanhamento crítico Vera Mantero, Luísa Veloso
Fotografia Inês Abreu e Silva **Produção** O Rumo do Fumo
Co-produção O Rumo do Fumo, Festival Escritas na Paisagem,
Município do Fundão, Culturgest e Festival Temps d'Images
Residência artística Alkantara **Agradecimentos** Andrea Sozzi,
João Ribeiro, Magda Bull e a todos os participantes neste projecto

Todo o século vinte e um é um trinta e um. *Não se vê que sou eu mas é um retrato* é uma ficção teatral e plástica a partir de encontros com portugueses entre os 9 e os 90 anos sobre as suas vidas e a suas noções de comunidade. A base fornecida por este conjunto de entrevistas é alterada, expandida e conectada por um trabalho de escrita de ficção e de encenação que contém simultaneamente o imaginário singular de cada participante e a sua diluição numa visão de conjunto.

De perto, cada indivíduo está sempre entre dois ou vários, pertencendo a todos e a nenhum, sem no entanto pertencer-se. De longe, há a escrita que veste e despe personagens que nos vão falando das sedes deste século. Perguntamo-nos o que aconteceria se mais de trinta pessoas que não se conhecem à partida, ficassem presas numa sala e tivessem apenas uma hora para gerir as suas diferenças e encontrar forma dali saírem? *Não se vê que sou eu mas é um retrato* é feito deste cruzamento caleidoscópico de testemunhos reais, utopias de vida em conjunto, desejos, ideias de comunidade, sedes e regras de mecânica inventada.

Rita Natálio estudou História na Universidade Nova de Lisboa e Artes do Espectáculo Coreográfico na Universidade de Paris VIII. A sua actividade principal tem-se centrado na área da dramaturgia, tendo colaborado com João Fiadeiro, Vera Mantero, Cláudia Dias, Guilherme Garrido, Pieter Ampe, António Pedro Lopes, Marianne Baillot e João Lima, entre outros. Dirigiu o projecto de improvisação *Nada do que dissems até agora teve a ver comigo* com estreia e criação na Fundação de Serralves no âmbito do CICLO DOCUMENTE-SE!.

You can't see it's me, but it's a portrait is a fiction based on interviews with Portuguese people of all ages, talking about their lives and notions of community. This database is expanded through fiction to include the singular imaginary of each participant diluted into an overall view of the whole.

Each individual is always accompanied by two or more people, belonging to everyone and no-one in this kaleidoscopic amalgam of real testimonies about personal desires and ideas of community.

Rita Natálio studied History in Lisbon and Choreography in Paris, her main interest now being dramaturgy.

Tristeza e Alegria na Vida das Girafas de Tiago Rodrigues



TEATRO

QUI 24, SEX 25, SÁB 26
DE NOVEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h45
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

O Mundo Perfeito é uma estrutura financiada pela Secretaria de Estado da Cultura/Direcção-Geral das Artes, residente no Alcantara e associada a O Espaço do Tempo

Texto e encenação Tiago Rodrigues **Intérpretes** Carla Galvão, Isabel Abreu, Miguel Borges, Pedro Gil e Tónan Quito **Música e sonoplastia** ALX **Vídeo** Bruno Canas **Cenário e figurinos** Magda Bizarro e Tiago Rodrigues **Luz e apoio técnico** André Calado **Produção executiva** Ana Pereira e Magda Bizarro **Produção** Mundo Perfeito & AnaPereira.PedroGil **em co-produção com** Culturgest

Este espectáculo baseia-se na história verdadeira de uma menina de nove anos que desapareceu durante um dia inteiro e atravessou Lisboa sozinha pela primeira vez na vida. Numa cidade onde as palavras “dívida” e “crise” se banalizaram, os pais desta criança não conseguiam pagar o empréstimo do apartamento novo e ela decidiu resolver os problemas financeiros da família. Acompanhada de um urso de peluche deprimido chamado Judy Garland, a menina ainda aproveitou para fazer um trabalho para a escola e foi entrevistando muitos desconhecidos com que se foi cruzando. Depois de um dia de perigos, desilusões e descobertas, acabou por ser encontrada e, uma semana depois, chegou mesmo a apresentar o seu trabalho. Mas entretanto já tinha decidido que ele seria sobre girafas, porque são mais fáceis de explicar do que as pessoas.

Baseando-se no trabalho escolar desta criança e em relatos reais dos intervenientes, Tiago Rodrigues escreve e dirige um espectáculo que aborda o universo infantil mas é destinado ao público adulto. Que mundo imaginam as crianças a partir das palavras dos adultos?

O Mundo Perfeito destaca-se pelo trabalho no campo da nova dramaturgia e pelo espírito de colaboração com artistas nacionais e internacionais, tendo apresentado os seus espectáculos em diversos países. Entre os mais recentes contam-se *The Jew* (com os holandeses Dood Paard), *Hotel Lutécia* e *Se uma Janela se Abrisse*. Na Culturgest apresentou em 2007 *Duas Metades*; Tiago Rodrigues escreveu *Coro dos Maus Alunos* para os PANOS 2009. AnaPereira.PedroGil interessam-se por novas formas de escrever para a cena, privilegiando processos de co-criação, transdisciplinares e de experimentação. Das suas criações destacam-se *Homem-Legenda*, *Centro de Dia* e *Mona Lisa Show*.

This show is based on the true story of a nine-year-old girl who disappeared for a whole day and crossed Lisbon alone for the first time in her life. In a city where the words “debt” and “crisis” have become everyday platitudes, this child’s parents found themselves unable to pay their mortgage and so she decided to solve the family’s financial problems for them. In the company of a depressed teddy bear called Judy Garland, the girl took advantage of the occasion to carry out her school project and, along the way, interviewed the many strangers she came across. She ended up being found and later even got to present her project. In the meantime, she had decided it would be about giraffes, because they are easier to explain than people.

Aldina Duarte

Contos de Fados



© Isabel Pinto

MÚSICA

TER 29 DE NOVEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h15
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Voz Aldina Duarte **Guitarra portuguesa** José Manuel Neto
Viola Carlos Manuel Proença **Som** Alfredo Almeida
Luz Paulo Mendes

Quando canto também sonho; creio que estou a trabalhar, subterraneamente, na substituição de um medo, que é comum a todos, por uma esperança igualmente forte. Não me levem a mal.

Ao fundo do palco as cores primárias sucedem-se, entre nós a luz e a sombra, e o jogo sagrado de muitas vidas onde todos somos tudo e não somos nada.

No concerto - *Contos de Fados* - desejo um lugar de silêncio e revelação onde cada um por si, legitimamente, possa brincar consigo próprio às escondidas, imaginando no seu coração um esconderijo de ilusões e desilusões em desafio permanente, honesto e generoso.

Canto porque a vida me foi levando nessa direcção, mas como o vento norte, às arrecuas, sempre no sentido do Fado.

E canto - "Orfeu e Eurídice" - à Maria do Rosário Pedreira, e aos fadistas, e aos poetas: "mesmo que o saiba fechado/no silêncio mais profundo".

E canto - "No Pó Que Ficou" -, do José Luis Gordo, a memória dos que se apaixonam, e dos que resistem, e dos que morrem: "no pó que ficou por lá/escrevi o teu nome ausente".

E canto - "Que Amor É Este?" - o que não digo de ti, e de outros, e de ninguém: "Sobre o céu e o inferno/Diz-me tu o que não sei".

E canto - "Medeia" - à Manuela de Freitas, e às mulheres, e a todos: "fiz do vazio pensamento/à espera de redenção".

E canto - "Uma Outra Nuvem" - por mim como quem reza distraída, e pelo José Mário Branco, e pelo meu semelhante: "em que eu à força de aprender a amar/aprenda tudo sobre toda a gente".

Aldina Duarte

When I sing, I also dream; I believe I'm working underground, replacing a common fear with an equally strong hope. Don't get me wrong.

At the back of the stage, the primary colours follow on from one another, between us the light and the shade, where we're everything and nothing.

In the concert - *Fado Stories* - I'm looking for a place of silence and revelation, where each of us can play secretly, imagining a hiding place of illusions and disillusion, in a permanent and honest challenge.

I sing because life has led me in this direction, but, like the north wind, backwards, towards the Fado.

Aldina Duarte

B Fachada

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



© Manuela Pacheco

MÚSICA

TER 6, QUA 7
DE DEZEMBRO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aprox. 1h
5€ (preço único)

M12

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Voz e piano B Fachada

Neste momento B Fachada já não precisará de grandes apresentações, nem será rebatível que é o maior cantautor da geração dele em Portugal, e um dos grandes desde a Revolução de Abril. Acaba de editar mais um marco da produção artística nacional, com *Deus, Pátria e Família*, o seu magnífico bilhete de vinte minutos para José Mário Branco e um verdadeiro manual (deliberadamente mal disfarçado) do que há para pensarmos neste momento tão particular do nosso país.

Aos 26 anos B Fachada possui já uma discografia muito considerável, tendo mantido a promessa dos dois discos ao ano sem qualquer desvio de rota. Tem enchido salas de Norte a Sul com essa raridade que é uma canção portuguesa que não pede desculpa por ser como é, por falar verdades que ficaram silenciadas durante tempo demais. Que soa eminentemente daqui mas em expansão de olhos a brilhar, sem coisas de postal para o turismo autofágico, como demasiadas vezes fizemos nas últimas décadas. Está lá a tradição, voltaram a reivindicação e a proposta concreta; dispensou-se o pudor em cantigas sobre intimidade, com o requinte próprio dos cavalheiros existencialistas e o vigor de um homem que sabe dançar bem, no seu encantador balanço angolano-beirão.

À hora de apresentarmos estas duas noites a encerrar o ciclo de programação da Filho Único para 2011 para o espaço da Avenida dos Aliados, sabemos que se vai concentrar em canções para piano e voz, e que o reportório a apresentar ainda está por definir exactamente. Nada mais perfeito – quem sabe o que vai haver para cantar sobre esta terra em Dezembro?

Pedro Gomes/filho único

B Fachada, still only 26, dispenses with the need for introductions, being unarguably the greatest singer-songwriter of his generation in Portugal and one of the leading figures since the Revolution. His latest album *Deus, Pátria e Família* is a genuine guide to what we should be thinking at this crucial time in our country's history. Having already released a large number of records, he has filled concert halls all over the country with his unashamedly Portuguese songs, telling truths that have remained unspoken for too long. For these two nights, he will be mainly presenting his songs at the piano.

Em nome das artes ou em nome dos públicos?

3E – equipas, ética e erro: reflectindo sobre alguns conceitos da mediação cultural



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

TER 13, QUA 14, QUI 15 DE DEZEMBRO

Pequeno Auditório e outros espaços da Culturgest
Das 10h às 18h
15€ por dia · Lotação limitada
Inscrição prévia obrigatória

A partir de 8 de Setembro consulte o programa e inscreva-se em www.culturgest.pt/se

De que modo os museus e os centros culturais estão a lidar com as exigências e as necessidades dos seus públicos? A emancipação dos públicos é verdadeiramente promovida ou é sobre a falta dela que se constrói a mediação cultural na actualidade? Que grau de partilha e de participação é solicitado aos públicos dos museus? É a interpretação do público uma forma de completar o objecto artístico? E onde começa a prática artística com comunidades e termina a mediação cultural? É o mediador cultural um agente isento e transparente ou a sua presença condiciona a interpretação dos objectos? Partilha com os seus públicos dúvidas honestas ou, na maior parte das vezes, já tem as respostas?

Sem deixar de indagar mas sem respostas à vista, convidámos artistas, filósofos, críticos e profissionais de museus de diferentes países para, em conjunto com o público, reflectirem sobre a importância e a validade da mediação cultural nos espaços museológicos da actualidade. Para mote de discussão de cada dia elegemos os conceitos de *equipa*, *ética* e *erro*.

Às *equipas* nos museus devemos o reconhecimento de serem a alma comunicante da maior parte das instituições. À *ética* devemos a reflexão constante sobre as formas de captação e comunicação com os públicos. Ao *erro* devemos o privilégio da aprendizagem e do crescimento constantes.

E porque acreditamos na riqueza da comunicação sem rede, optámos por correr o risco de apresentar três dias preenchidos com debates abertos ao público, mesas redondas com um só porta-voz, *speed meetings* e *workshops* orientados por artistas.

How do museums deal with their audiences' needs? How much are they called upon to participate and share? Where does artistic practice with communities begin and where does cultural mediation end? Are cultural mediators impartial agents or does their presence affect the interpretation of the objects? We have invited artists, philosophers, art critics and museum professionals to discuss for three days (in debates, round table discussions, speed meetings and workshops) on the importance of cultural mediation in present-day museums.

Orphée Orfeu pela Companhia Montalvo-Hervieu

DANÇA

SEX 16, SÁB 17, DOM 18
DE DEZEMBRO

Grande Auditório
21h30 (Dom 18 às 17h)
Duração aproximada: 1h10
20€ - Até aos 30 anos: 5€

M10

Coreografia José Montalvo e Dominique Hervieu
Cenografia e conceito vídeo José Montalvo **Figurinos** Dominique Hervieu **assistida por** Siegrid Petit-Imbert **Conselheira de dramaturgia** Catherine Kintzler **Assistentes de coreografia** Joëlle Iffrig, Roberto Pani **Luzes** Vincent Paoli **Colaborador vídeo** Pascal Minet **Infografia** Franck Chastanier, Sylvain Decay, Clio Gavagni, Michel Jaen Montalvo, Basile Maffone **Música** Claudio Monteverdi, Christoph W. Gluck, Philip Glass, Francesco Durante, Pau Casals, Giovanni Felice Sanches, Giuseppe Maria Jacchini, William Byrd, Luiz Bonfá, La Secte Phonétik, Sergio Balestracci **Criado com e interpretado por: Bailarinos** Stéphanie Florant, Natacha Balet, Delphine Nguyen dite Deydey, Lazylegz, Babacar Cissé dit Bouba, Grégory Kamoun, Karim Randé, Stevy Zabarel dit Easley; **Bailarinos-cantores** Sabine Novel (soprano), Blaise Kouakou (baixo), Merlin Nyakam (baixo); **Cantores e músicos** Soanny Fay (soprano), Julien Marine (contra-tenor), Sébastien Obrecht (tenor/violoncelista), Florent Marie ou Diégo Salamanca (tiorba) **Co-produção** Théâtre National de Chaillot/ Association artistique de l'Adami/Talents Danse Adami/Grand Théâtre de Luxembourg, Théâtre de Caen

Orfeu, a mais humana das personagens divinas, que conseguia, com as notas da sua lira, encantar os animais selvagens e emocionar mesmo os seres inanimados. Orfeu do triste destino amoroso, que afrontou os Infernos em busca da sua amada Eurídice mas não conseguiu evitar olhar para trás e a perdeu para sempre.

Com esta criação a dupla Montalvo-Hervieu convida-nos a um mergulho extravagante nas profundezas do mito de Orfeu. Estes dois filhos de Dada souberam ao longo dos anos conquistar todos os públicos, dando a ver mundos coreográficos e visuais de uma riqueza exuberante. Esta leitura do mito de Orfeu marca uma viragem no seu trabalho, a meio caminho entre a ópera e a comédia musical, misturando vídeo, hip-hop, dança contemporânea e africana, canto e mesmo dança sobre andas... Outras tantas emoções e surpresas que dão vida a uma multiplicidade de Orfeus e Eurídeses. Esta versão contemporânea e descalça do mito irá, de certeza, encantar-vos.

Orpheus, who with his lyre could charm the monsters and move even the most inanimate beings. Orpheus, who braved Hades to find his beloved Eurydice, but couldn't help looking back and so lost her forever. The Montalvo-Hervieu duo take us deep into the myth of Orpheus. These children of Dada have conquered every audience, and this reading of the myth of Orpheus marks a turning point in their work, halfway between opera and musical comedy, mixing video, hip-hop, contemporary and African dance, song and even dance on stilts... This contemporary barefoot version of the myth will surely enchant you.



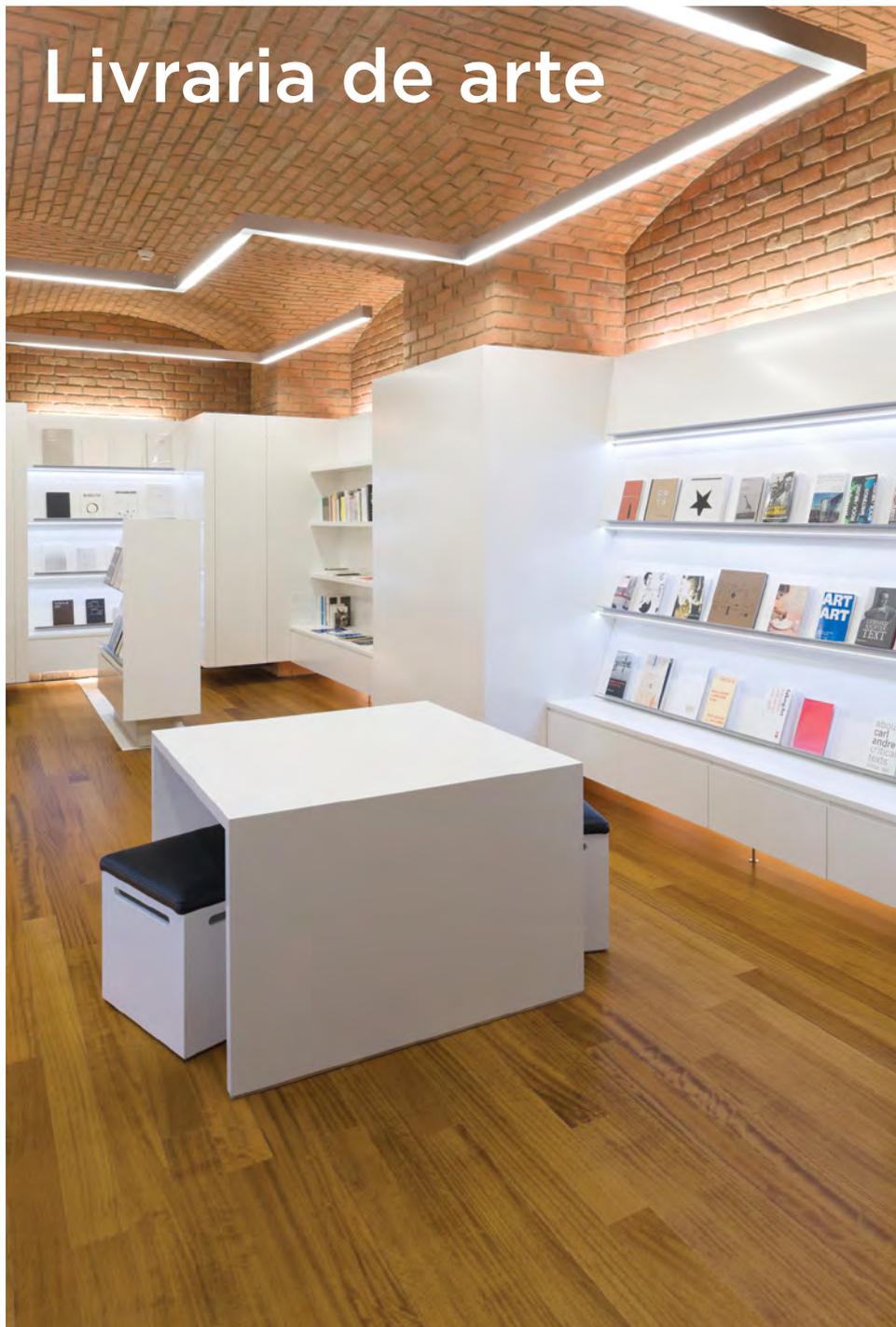
© Laurent Philippe



Com o apoio de:



Livraria de arte



© DMF

Em Fevereiro deste ano, a Culturgest abriu uma livraria especializada em arte contemporânea. É uma pequena livraria que vai crescendo gradualmente e cujos títulos são criteriosamente seleccionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest. Um dos propósitos da livraria é contextualizar o programa de exposições da Culturgest, e por isso ela compreende muitas publicações de artistas que aqui expuseram o seu trabalho: por exemplo, Mark Manders, Kees Goudzwaard, Jean-Luc Moulène, Walid Raad, Francisco Tropa, Frances Stark, Willem Oorebeek, Joëlle Tuerlinckx, Matt Mullican, Peter Fischli e David Weiss, Hans-Peter Feldmann, Rachel Harrison, ou Batia Suter. Mas nela se encontram também representados outros artistas: Eva Hesse, Dan Graham, Cosima von Bonin, Isa Genzken, Blinky Palermo, Aglaia Konrad, Stanley Brouwn, ou Marcel Broodthaers, para dar apenas alguns exemplos. A livraria inclui uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de teoria e história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão (Yale University Press, MIT Press, University of California Press, Walther König, JRP Ringier, Steidl) repartem as prateleiras com projectos editoriais de escala mais reduzida (por exemplo, Roma Publications,

Rindinghouse, ou Sternberg Press) ou mesmo de muito pequena dimensão (Primary Information ou Occasional Papers). As publicações são disponibilizadas a preços muito tentadores, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

In February this year, Culturgest opened a bookshop that specialises in contemporary art. It is a small bookshop that will gradually grow in size and whose items are very carefully selected, based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found here. Since one of the aims of this bookshop is to establish a support framework for the Culturgest exhibition programme, it includes many publications relating to artists who have already exhibited their work here: for example, Mark Manders, Kees Goudzwaard, Jean-Luc Moulène, Walid Raad, Francisco Tropa, Frances Stark, Willem Oorebeek, Joëlle Tuerlinckx, Matt Mullican, Peter Fischli and David Weiss, Hans-Peter Feldmann, Rachel Harrison, and Batia Suter. But other artists are also well represented here: Eva Hesse, Dan Graham, Cosima von Bonin, Isa Genzken, Blinky Palermo, Aglaia Konrad, Stanley Brouwn, and Marcel Broodthaers, just to give a few examples. The bookshop includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders

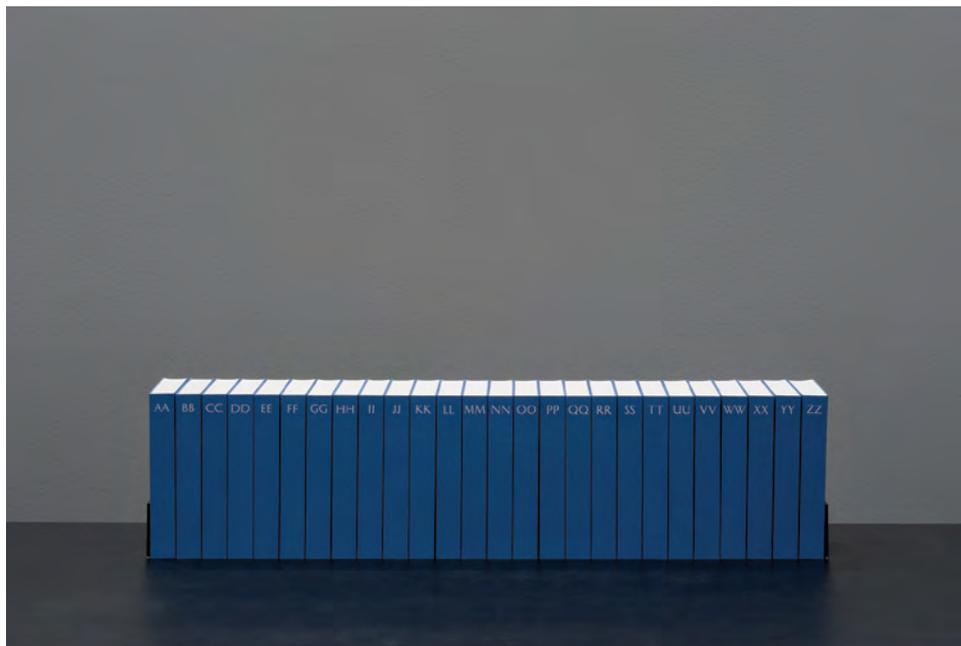
with others that are less well known; large-scale publishers (Yale University Press, MIT Press, University of California Press, Walther König, JRP Ringier, Steidl) share shelves with lesser-sized publishing projects (for example, Roma Publications, Rindinghouse, or Sternberg Press) or even very small publishers (Primary Information or Occasional Papers). The publications are placed on sale at very tempting prices, so that we can share them with as many people as possible.

Aberta de segunda a sexta-feira, das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

Pedro Diniz Reis

De A a Z

From A to Z



AA-ZZ, 2011 · Fotografia © DMF

EXPOSIÇÃO

ATÉ 18 DE SETEMBRO

Galeria 1
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Entre 2004 e 2010, Pedro Diniz Reis (Lisboa, 1972) realizou um notável conjunto de obras em que utiliza determinados signos linguísticos – diferentes alfabetos, todas as palavras de um dicionário inglês, os números de 0 a 9 ditos em japonês – como matéria abstracta, puramente significante, aplicando regras de combinação e sequenciação desses elementos, para construir composições visuais e/ou sonoras que convidam a uma experiência sensorial fortemente imersiva.

Este corpo de trabalhos foi objecto de uma exposição na Culturgest do Porto, *Um dicionário, quatro alfabetos e um sistema decimal*, em Novembro de 2010. Uma exposição que teve consequências tão inesperadas quanto decisivas na sua actividade artística, abrindo todo um novo campo de possibilidades criativas, amplamente exploradas em duas obras apresentadas paralelamente a essa exposição: *O Livro dos AA* e a performance *6489 AA para piano preparado*.

Composta de três peças em diferentes *mediums* (vídeo, som e livro), esta segunda exposição de Pedro Diniz Reis na Culturgest dá conta de um momento de assinalável combustão criativa no seu trabalho.

Since 2004, Pedro Diniz Reis (Lisbon, 1972) has produced a remarkable group of works in which he makes use of certain linguistic signs – different alphabets, all the words of an English dictionary, the numbers from 0 to 9 spoken in Japanese – as abstract material, as pure signifiers, applying rules for the combination and sequencing of the different elements in order to construct sound and/or visual compositions that draw the spectator into a deeply immersive sensory experience.

This group of works were previously shown in an exhibition at Culturgest in Porto, *A dictionary, four alphabets and a decimal system*, in November 2010. This exhibition had consequences that were as unexpected as they were crucial in his artistic activity, opening up a whole new field of creative possibilities, which were widely explored in two works presented in parallel: *The Book of A's* and the performance *6489 A's for prepared piano*.

Composed of three pieces in different mediums (video, sound and book), this second exhibition of Pedro Diniz Reis at Culturgest expresses a moment of remarkable creative combustion in his work.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 10 de Setembro, 17h

Hans Schabus

O espaço do conflito The Space of Conflict



Rio Tejo, Lisboa, 26 Junho 2011, 2011

EXPOSIÇÃO

ATÉ 18 DE SETEMBRO

Galeria 2
2€

Curadoria Pablo Fanego

Hans Schabus (Watschig, Áustria, 1970) adquiriu notoriedade no mundo da arte devido, sobretudo, a uma série de projectos específicos realizados em lugares muito diversos: por exemplo, a Secession em Viena, a Kunsthaus de Bregenz, o pavilhão austríaco da Bienal de Veneza, ou o Site Santa Fe. Estes projectos integravam múltiplos elementos vinculados à própria arquitectura desses lugares e ao seu enquadramento.

Contudo, se existe um lugar para o qual, em última instância, os trabalhos de Hans Schabus remetem, esse lugar é o espaço do seu *atelier*, o âmbito físico e mental onde se desenrola o verdadeiro conflito entre o real e o possível, entre o contingente e o fictício. O *atelier* é, para Schabus, simultaneamente realidade e representação; é o lugar onde passa o seu tempo e onde a realidade é processada como material, e é a metáfora da sua concepção da prática artística e da sua posição no mundo.

A exposição *O espaço do conflito* pretende examinar as múltiplas sinuosidades que caracterizam a busca pessoal de Schabus e o conduzem do *atelier* à situação, e desta de novo ao *atelier*. Um duplo movimento em que as estratégias de distanciamento e ficcionalidade são pelo menos tão importantes quanto os dados que nos aproximam daquilo a que chamamos realidade.

Hans Schabus (Watschig, Austria, 1970) has acquired great notoriety in the art world, due, above all, to his successive production of a series of specific projects undertaken in very different places (for example, the Secession in Vienna, the Kunsthaus in Bregenz, the Austrian Pavilion at the Venice Biennale, or the Site Santa Fe) and characterised by a performative approach to these contrasting contexts, incorporating multiple elements that were associated with the architecture itself and with its surroundings.

However, if there is one place to which Hans Schabus' works ultimately refer, it is the space of his studio, the physical and mental space where the true conflict between the real and the possible, between the contingent and the fictitious, unfolds. For Schabus, the studio is simultaneously reality and representation; it is the place where he spends his time and where reality is processed as material, and it is the metaphor for his essential conception of the artistic practice and of his position in the world.

The Space of Conflict seeks to examine the multiple unevennesses that characterise Schabus' personal search and lead him from the studio to the situation, and then back to the studio again. A double movement in which the strategies of distancing and fictionality are at least as important as the data that bring us closer to what we call reality.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 17 de Setembro, 17h

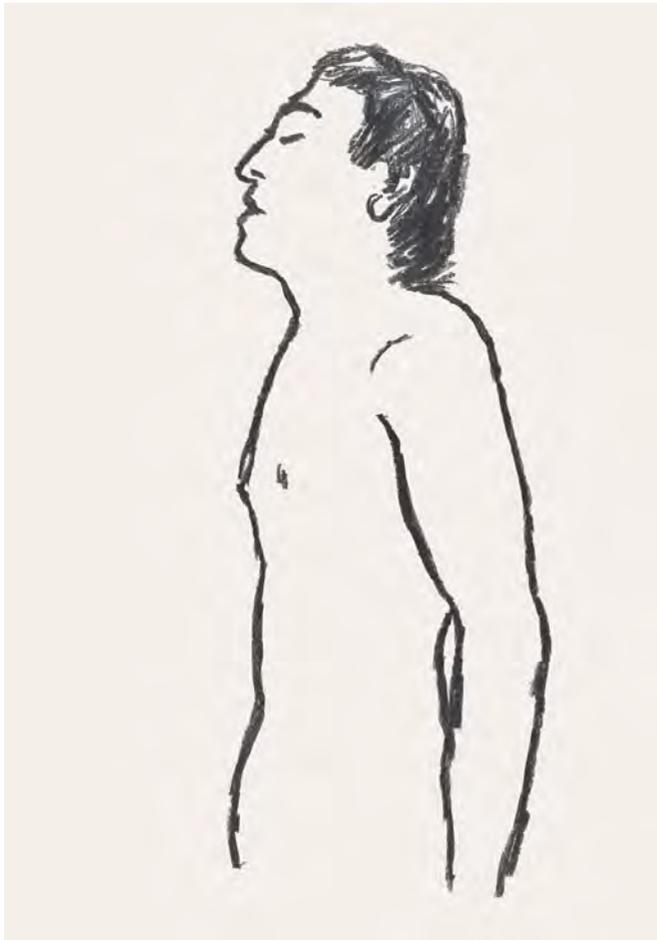
José Loureiro

As piores flores

Desenho (1990-1996)

The Worst Flowers

Drawing (1990-1996)



Sem título, 1991

EXPOSIÇÃO

DE 22 DE OUTUBRO
A 22 DE JANEIRO DE 2012

Inauguração:
21 de Outubro, 22h

Galerias 1 e 2
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Sob um título enigmático, que evoca (de forma nada inocente) o título do célebre livro de poemas de Baudelaire, *As Flores do Mal*, esta exposição congrega cerca de 300 desenhos, escolhidos de um total de mais de 1500, que José Loureiro (Mangualde, 1961) realizou entre 1990 e 1996. Quase todos estes desenhos ficaram arredados do olhar do público, guardados nas gavetas do *atelier* do artista – vários guaches com “bocas” de 1990 e alguns guaches com “bolas” de 1996 são as exceções. E no entanto, são tudo menos obras menores; pelo contrário, estamos diante de um corpo de trabalho fundamental na prática do artista nesses anos, e determinante, além do mais, para poder compreender (finalmente) a pesquisa que o levou do campo da figuração para o campo da abstracção, onde o seu trabalho se tem inscrito desde meados da década de 1990. Os desenhos impressionam pelo modo como resistiram incólumes à passagem do tempo, como ganharam mesmo importância com a passagem dos anos; e surpreendem pela enorme diversidade de temas e motivos, de técnicas e de registos estilísticos a que o artista recorre, numa pesquisa obsessiva e solitária. A exposição está organizada segundo um clarificador critério cronológico. Assim, à medida que avançamos, que passamos de uma sala para a seguinte, de uma série de desenhos para outra, vamos seguindo a par e passo os caminhos por ele outrora explorados.

This exhibition's enigmatic title is a (far from innocent) evocation of the title of Baudelaire's famous book of poetry, *Les Fleurs du Mal*. The exhibition brings together roughly 300 drawings, chosen from a total of more than 1500, which José Loureiro (Mangualde, 1961) made between 1990 and 1996. Almost all of these drawings have been kept well away from the public gaze in drawers at the artist's studio, the exceptions being various gouaches with “mouths” from 1990 and a few gouaches with “balls” from 1996. And yet they are all far from being minor works; on the contrary, we are faced with a body of work that was fundamental in the artist's practice during these years, and is crucial for our (finally) being able to understand the research that led him from the field of figuration to the field of abstraction, around which his work has been centred since the mid-1990s. The drawings have withstood the passage of time and have even gained in importance since then. What is most impressive is the way the artist explores an enormous range of themes and motifs, stylistic registers and techniques, through his obsessive and solitary research. The exhibition is organised according to a chronological and clarifying criterion. Thus, as we move forward from one room to the next, from one series of drawings to another, we are equally following the paths previously explored by him.

**Conversa entre José Loureiro
e Miguel Wandschneider**

Sábado, 5 de Novembro, 17h

**Visita guiada por
Miguel Wandschneider**

Sábado, 26 de Novembro, 17h

**Percursos e conversas na
galeria com os colaboradores
do Serviço Educativo**

Domingos, 30 de Outubro
e 27 de Novembro, 17h

José Loureiro

Dois remos por remador Two Oars per Oarsman



Sem título, 2010 · Cortesia Galeria Distrito 4, Madrid

EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
DE 3 DE SETEMBRO
A 12 DE NOVEMBRO

Inauguração:
2 de Setembro, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

Paralelamente à densa e pormenorizada apresentação em Lisboa do seu trabalho de desenho no período entre 1990 e 1996, a Culturgest acolhe no Porto uma outra exposição de José Loureiro, que contrasta em tudo com aquela: quatro grandes pinturas, inscritas com precisão cirúrgica na arquitectura do espaço expositivo, dão conta, de modo parcimonioso mas incisivo, dos mais recentes desenvolvimentos da sua pintura. Desde 1994, mais concretamente, desde a série *Palavras Cruzadas*, o artista tem-se dedicado a uma aturada pesquisa no campo da pintura abstracta, introduzindo e explorando, uma série após outra, novas ideias (visuais) e possibilidades, num permanente e inconformado questionamento sobre a pintura, sobre o fazer da pintura, mas também sobre o seu lugar e o seu sentido num mundo sobrecarregado de imagens e de mensagens. No transcorrer dessa prática, ao longo de dezassete anos, observamos um movimento espiralado de mudança, que caminha no sentido de uma progressiva depuração, de uma crescente elementaridade, desde as pinturas saturadas de grelhas ou de tramas de bolas, produzidas entre 1994 e 1998, até chegar a estas pinturas de ecrãs brancos dinamizados por “molduras” de intensa vibração e de concentrada energia.

In parallel to the dense and detailed presentation in Lisbon of his drawing work from the period between 1990 and 1996, Culturgest is also hosting another exhibition of José Loureiro's work in Porto, which provides a complete contrast to the former: four large paintings, set with surgical precision within the architecture of the exhibition space, give a parsimonious but incisive account of the most recent developments in his painting. Since 1994, more precisely since the *Crosswords* series, the artist has devoted himself to constant research in the field of abstract painting, one series after another, introducing and exploring new (visual) ideas and possibilities in a permanent, restless examination of painting, of the act of painting, but also questioning its place and its meaning in a world that is swamped with images and messages. In the course of that practice, over the last seventeen years, we can observe a movement of change spiralling towards a progressive simplification, an ever-greater elementariness, beginning with the paintings saturated with grids or interwoven patterns of balls, produced between 1994 and 1998, and finally arriving at these paintings of white screens enlivened by intensely vibrating “frames” of concentrated energy.

**Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Willem Oorebeek

Blackout KATALOG

EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
DE 21 DE NOVEMBRO
A 4 DE FEVEREIRO DE 2012

Inauguração:
19 de Novembro, 15h-17h30

Entrada gratuita

**Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Curadoria Miguel Wandschneider

O trabalho de Willem Oorebeek (Pernis, Holanda, 1953) emerge repetidamente de um fascínio pela omnipresença e pelos diferentes usos da imagem e do texto impressos na sociedade contemporânea. A escolha dos meios de impressão para a realização do seu trabalho – sendo de sublinhar, a este respeito, a notável exploração do processo material de impressão litográfica – revela-se assim instrumental, não só por relação com o assunto das obras, mas também para explorar questões que desde sempre lhe interessaram, como as da reprodução, repetição, autoria e originalidade.

Nos últimos cerca de dez anos, a prática artística de Oorebeek incidiu sobretudo numa extensa, e ao limite interminável, série de obras intitulada *BLACKOUT*. O artista começa por seleccionar pedaços de material impresso que circulam no domínio público da comunicação de massas, com base em critérios eminentemente subjectivos – de atracção, afeição ou afinidade. Depois, com a prensa litográfica que tem no seu *atelier*, imprime sobre cada uma dessas imagens uma camada de tinta negra. Oorebeek parece decretar a sua morte, mas na realidade resgata-as do seu destino inexorável: o desaparecimento. E o que pode ser entendido como um acto de apagamento é simultaneamente um processo de sublimação. As imagens prestam-se agora a uma percepção lenta e a uma atenção concentrada.

Willem Oorebeek regressa à Culturgest, depois da exposição antológica que aqui realizou no Verão de 2008. E regressa com uma obra extraordinária, realizada este ano, na qual obscurece (ilumina) um catálogo de desenhos de Roy Lichtenstein – uma escolha inesperada, mas que se revela em absoluta sintonia com as preocupações e questões que atravessam todo o seu trabalho.

The work of Willem Oorebeek (Pernis, Holland, 1953) issues out of a fascination with the omnipresence and multiple uses of the printed image and text in contemporary society. The choice of print media in his practice – most notably his remarkable exploration of the material process of lithographic printing – is thus instrumental not only in relation to the subject matter of the works, but also in order to deal with issues that have always interested him, such as reproduction, repetition, authorship and originality.

Willem Oorebeek now returns to Culturgest, after the anthological exhibition that he held here in the summer of 2008. And this time he comes with an extraordinary work, produced this year, in which he blacks out (illuminates) a catalogue of drawings by Roy Lichtenstein – an unexpected choice, but one which shows itself to be completely in tune with the issues and concerns that run throughout all his work.

Ricardo Jacinto

O Corredor



A História da Água e do Avião, 2011 (Still)

EXPOSIÇÃO

CHIADO 8
ATÉ 14 DE OUTUBRO

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

A noção de experiência sincrética é particularmente oportuna quando falamos do encontro com o trabalho de Ricardo Jacinto (Lisboa, 1975). Isto porque, longe de se restringir a um campo de produção ou a um *medium* específico, este artista tem pautado a sua prática pela utilização de todas as ferramentas ao seu dispor para a criação de obras cuja experiência se quer una no seu sentido, porém múltipla nas suas formas, nos seus recursos e nos seus estímulos. Movimentando-se sem restrições no campo da música, da escultura, do vídeo, da *performance* ou da arquitetura, Ricardo Jacinto tem vindo a desenvolver, desde o final da década de 1990, um corpo de trabalho de base eminentemente projectual, cuja metodologia se pauta por uma abertura significativa à experimentação e à colaboração entre pares. Independentemente das formas que assumem no momento expositivo, as obras deste artista concentram-se frequentemente no estabelecimento de perturbações que, ora subtis ora impositivas, nunca descumam a intensidade somática.

The notion of syncretic experience is particularly pertinent when talking about the work of Ricardo Jacinto (Lisbon, 1975). Far from limiting himself to one field of production or to one specific medium, this artist has based his practice on the use of all the tools available to him for creating works whose experience is meant to be singular in its meaning, but multiple in its forms, resources and stimuli. Moving without any restrictions within the field of music, sculpture, video, performance or architecture, Ricardo Jacinto has been developing a body of eminently project-based work since the late 1990s, in which the methodology that he uses is guided by a remarkable openness to experimentation and collaboration among peers. Regardless of the forms that they take on at the time of their exhibition, this artist's works are frequently centred on establishing disturbances that, sometimes subtle and sometimes unyielding, never neglect their somatic intensity.

Pedro Morais

MA – A dança dos pirilampos

EXPOSIÇÃO

CHIADO 8
DE 31 DE OUTUBRO
A 30 DE DEZEMBRO

Inauguração:
28 de Outubro, 22h

Entrada gratuita

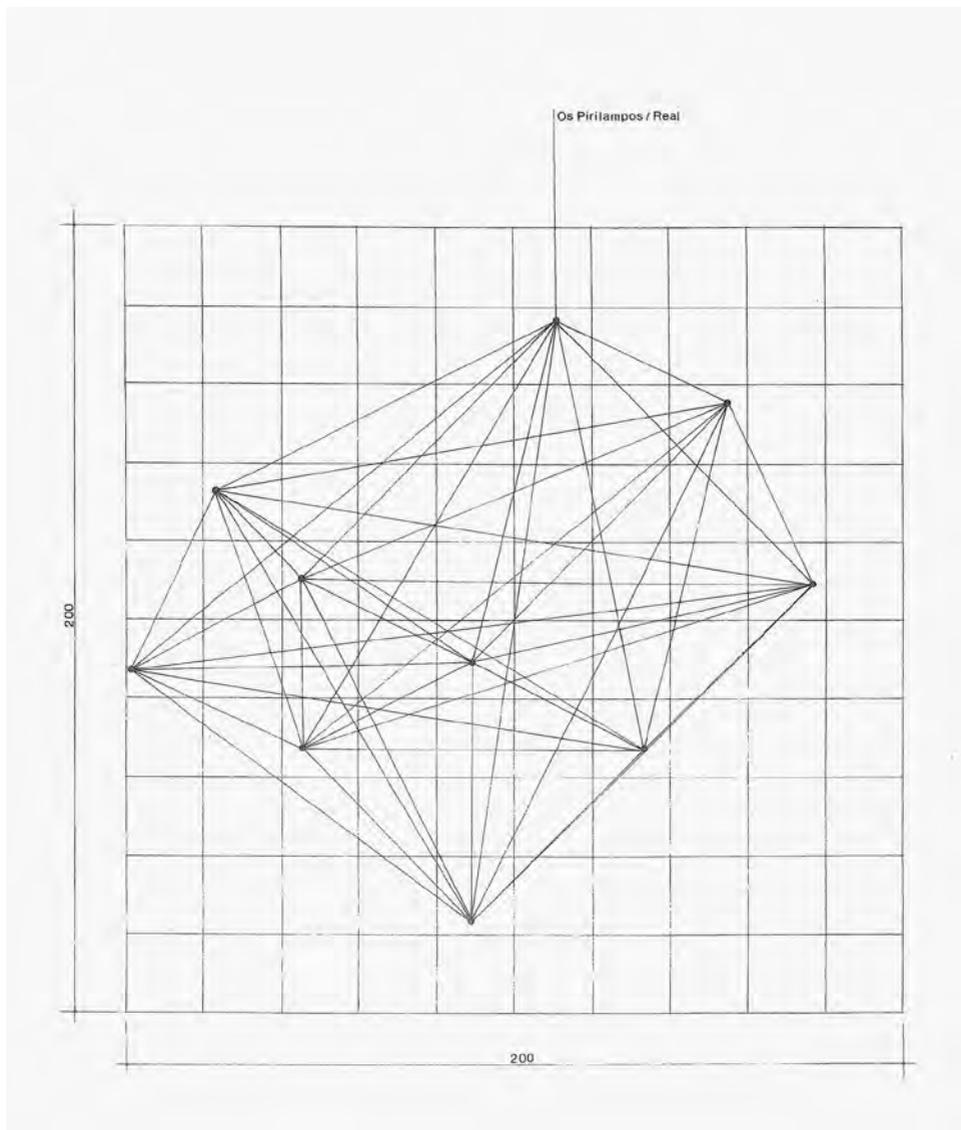
Curadoria Bruno Marchand

Fruto de uma muito pontual presença nos circuitos artísticos, o trabalho de Pedro Morais (Lisboa, 1944) permanece, em grande parte, desconhecido do público português. Efectivamente, entre 1982 e a actualidade, a sua obra foi apresentada em pouco mais que uma dezena de ocasiões, algumas das quais em espaços ditos alternativos ou em formatos menos evidentes, como é o caso do livro. Longe de espelhar uma eventual relutância do artista em participar nos referidos circuitos, este facto prende-se sobretudo com uma singular ética produtiva: se, por um lado, Pedro Morais entende que o gesto criativo depende de uma resposta empática ao lugar que o acolhe, por outro, não abdica de salvaguardar essa mesma resposta face aos ritmos, às exigências e aos constrangimentos que pautam habitualmente os processos expositivos.

Não é de estranhar, portanto, que as noções de tempo e de acontecimento sejam transversais ao seu trabalho. Dando continuidade a um núcleo recente de obras, o projecto que Pedro Morais traz ao Chiado 8 assume os contornos de uma viagem. Estabelecendo o *caminho* como parte fundamental e significativa deste encontro, o artista propõe como destino as experiências de um corpo instalado no espaço e dos múltiplos estímulos que dele emanam. Entre o que vê e o que ouve, entre o que sente e o que o interpela, poderá o visitante tomar parte na construção de um amplo gesto sinestésico, em cujo lastro talvez se revele, discreta e paradoxalmente, a mais clara expressão da invisibilidade.

Because of its only very occasional presence on the art circuits, the work of Pedro Morais (Lisbon, 1944) still remains largely unknown to the Portuguese audience. In fact, since 1982, his work has only been exhibited on about a dozen occasions, sometimes at so-called alternative venues or in less obvious formats, such as books. Far from reflecting the artist's reluctance to take part in these circuits, this reduced level of presentation is linked, above all, to his singular ethics of production: while, on the one hand, Pedro Morais considers that the creative gesture depends on an emphatic response to the venue hosting it, on the other hand, he insists on shielding that same response from the rhythms, demands and constraints normally resulting from exhibition processes.

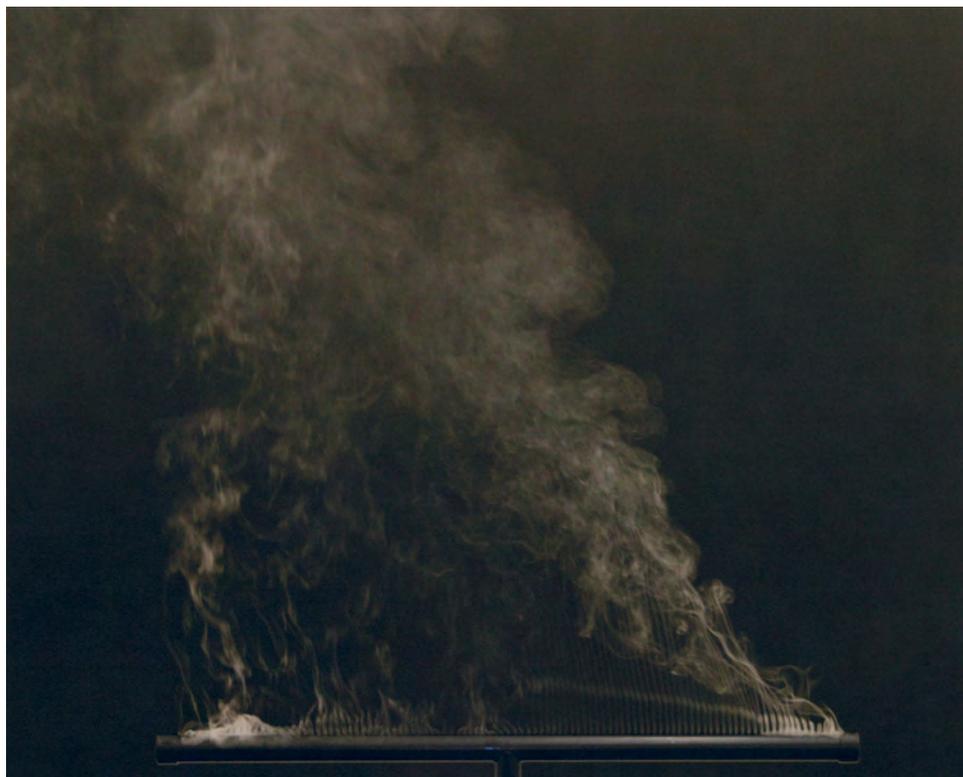
It is therefore not surprising to find that the notions of time and event run through all his work. In continuation of a recent group of works, the project that he has brought to Chiado 8 takes the form of a journey. Establishing the *path* as a fundamental and significant part of this encounter, the artist proposes, as the destination for this journey, the experiences of a body installed in the space and the multiple stimuli emanating therefrom. In the midst of what he sees and hears, what he feels and what calls out to him, the visitor can take part in the construction of an ample synaesthetic gesture, within which, discreetly and paradoxically, the clearest expression of invisibility might be revealed.



MA – A dança dos pirilampos (pormenor de projecto), 2011

Zona Letal, Espaço Vital

Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos



Rosângela Rennó, *Experiência de cinema* (pormenor), 2004-2005. Cortesia da artista · Fotografia: Ding Musa

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

Museu Municipal de
Tavira/Palácio da Galeria
De 1 de Outubro
a 7 de Janeiro de 2012
Inauguração: 1 de Outubro, 19h

Entrada: 2€
8-18 anos: 1€; +65 anos: 1€
Estudantes: 1€

Museu Municipal de
Tavira/Palácio da Galeria
Calçada da Galeria,
8800-306 Tavira
Tel. 281 320 540
Horário: 3ª feira a Sábado
das 10h às 12h30/14h às 17h30
Encerra: Domingo e 2ª feira

Actividades Educativas
Coordenação: Teresa Santos
Ateliers de som, poesia,
desenho e escrita;
Visitas guiadas;
Workshop com a artista
Armanda Duarte a partir de
propostas de outros artistas
na exposição.
Para informações sobre
actividades educativas
consultar www.cm-tavira.pt
ou www.culturgest.pt

m|j|lmo - museu da
imagem em movimento/
Município de Leiria
De 21 de Janeiro
a 14 de Abril de 2012

Curadoria Sara Antónia Matos

O projecto de itinerância da Colecção da Caixa Geral de Depósitos apresenta a sua terceira edição. A exposição *Zona Letal, Espaço Vital* procura aproximar o espectador de algo a que geralmente não tem acesso: o processo criativo. Sabendo que este não é rígido nem visível e que cada artista desenvolve procedimentos singulares de criação, pretendeu mostrar-se que as obras não são o resultado de um desenvolvimento linear. A exposição é também o terreno onde o limite e a possibilidade de diálogo entre o corpo e as obras são testados. Deste modo, desafia-se o espectador a fazer resgates na memória e a usar o saber do seu corpo para apreender as múltiplas dimensões do espaço.

A segunda apresentação de *Zona Letal, Espaço Vital* terá lugar no Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria. Serão apresentadas obras de Ângela Ferreira, Carmela Gross, Fernanda Fragateiro, Fernando Calhau, João Penalva, Jorge Molder, José Pedro Croft, Luisa Cunha, Marta Wengorovius, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rui Chafes, Rui Sanches, Rui Toscano, Waltercio Caldas e Zulmiro de Carvalho.

A exposição é acompanhada pela edição de um catálogo e actividades educativas dirigidas a públicos diversos.

Culturgest presents the third edition of the travelling exhibition of its collection. The exhibition, *Lethal Zone, Vital Space*, attempts to bring to the spectator something to which s/he does not usual have access: the creative process. Bearing in mind that such a process is neither fixed nor visible, and that each artist develops individual creative procedures, our aim was to explore the ways in which works are not the outcome of a linear process. The exhibition is also the terrain where the parameters and the possibilities of dialogue between works and bodies are tested. In this way, the spectator is challenged to redeem memory and to utilise the body's intelligence in order to apprehend the multiple dimensions of space.

The second presentation of *Lethal Zone, Vital Space* will be shown at the Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria. Artists included are: Ângela Ferreira, Carmela Gross, Fernanda Fragateiro, Fernando Calhau, João Penalva, Jorge Molder, José Pedro Croft, Luisa Cunha, Marta Wengorovius, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rui Chafes, Rui Sanches, Rui Toscano, Waltercio Caldas and Zulmiro de Carvalho. The exhibition is accompanied by a catalogue and educational activities for diverse publics.

Actividades exclusivas para professores

doclisboa 2011 IX Festival Internacional de Cinema

Marcação prévia

Antevisão do festival, exclusiva para professores

Quarta-feira, 28 de Setembro, 18h15

Sessão exclusiva para professores e educadores. Encontro de antevisão de alguns dos filmes e das actividades disponíveis para o público escolar. O festival decorre entre 20 e 30 de Outubro de 2011. **Com a presença de** Maria João Taborda (APORDOC) e Sandra Azevedo (Escolas doclisboa)

Ações de formação, exclusivas para professores

O olhar de quem realiza:

Dina Campos Lopes e Susana de Sousa Dias

Terça-feira, 11 de Outubro, 18h30

Marcámos encontro com duas realizadoras de modo a tentar compreender a perspectiva de quem concebe um documentário. Como se constrói um documentário? De que modo um documentário poderá ser útil à reflexão com os alunos?

O olhar de quem produz: Anna Glogowski e Ana Jordão

Quarta-feira, 12 de Outubro, 18h30

Como ganha vida o doclisboa? Quem são os responsáveis pela escolha dos filmes? Quem é quem na produção de um festival de cinema?

doclisboa 2011

IX Festival Internacional de Cinema | 20 > 30 Outubro

Antevisão da exposição de José Loureiro

Marcação prévia · Duração aproximada: 1h15

Antevisão da exposição, exclusiva para professores. Com José Loureiro.

Quarta-feira, 28 de Setembro, 17h30

Abrimos as portas da nossa casa, antes da inauguração, para recebermos professores e educadores que desejem conhecer melhor a exposição vindoura e o artista escolhido. Neste encontro, o próprio José Loureiro nos falará da sua obra, da sua nova exposição e do seu percurso artístico. Consulte também a nossa publicação exclusiva para as escolas. **Com a presença de** José Loureiro e **apresentação de** Raquel Arada

Actividades para adultos

Percursos e conversas na galeria

Requerem apenas o bilhete de entrada nas exposições

Pedro Diniz Reis
Até 18 de Setembro
Galeria 1

Para mais informações ver páginas 74 e 75

Hans Schabus
Até 18 de Setembro
Galeria 2

Para mais informações ver páginas 76 e 77

José Loureiro
De 22 de Outubro
a 22 de Janeiro de 2012
Galerias 1 e 2

Para mais informações ver páginas 78 e 79



Visita guiada por Miguel Wandschneider
Sábado, 10 de Setembro, 17h

Visita guiada por Miguel Wandschneider
Sábado, 17 de Setembro, 17h

Conversa entre José Loureiro e Miguel Wandschneider
Sábado, 5 de Novembro, 17h

Visita guiada por Miguel Wandschneider
Sábado, 26 de Novembro, 17h

Visita à exposição pelos colaboradores do Serviço Educativo
Domingo, 30 de Outubro, 17h

Leituras pela galeria dentro
Quartas-feiras, 9 e 23 de Novembro, 7 e 21 de Dezembro, das 18h30 às 20h · Bilhete único para as 4 sessões - 2€
Lotação limitada a 20 lugares

Pequeno ciclo de leituras, aberto e informal, que propõe a leitura e a reflexão conjunta tendo a exposição de José Loureiro como pano de fundo e de inspiração.

Com apresentação de Bruno Marques

Qua 9 de Novembro, 18h30 *Guerra e Paz*, Lev Tolstói (Batalha de Borodino), 1865
Qua 23 de Novembro, 18h30 *O Livro de Cesário Verde*, Cesário Verde (1887); *Querelle de Brest*, Jean Genet (1947)
Qua 7 de Dezembro, 18h30 *Arte Plástica e Arte Plástica Pura (Arte Figurativa e Arte Não Figurativa)*, Piet Mondrian (1937)
Qua 21 de Dezembro, 18h30 *Vida Selvagem*, Richard Ford (1990)



Guia áudio disponível. Solicite-os, gratuitamente, junto à entrada da exposição.



'Descobertas a tiracolo', disponível. Actividade gratuita destinada a famílias e a grupos de amigos com sentido de humor apurado. Conjunto de jogos e pistas com o qual o grupo se (auto)guia pela galeria.

(Per)Cursos com arte

Duração aproximada: 1h30 · Marcação prévia · 3€ (preço por sessão)

Breves aulas de História da Arte concebidas para melhor compreender a Arte dos nossos dias.

Cinema documental: do pensar ao fazer

Segunda-feira, 17 de Outubro, 12h30

Com Dina Campos Lopes e Susana de Sousa Dias

Desenho: alguns momentos históricos

Segunda-feira, 14 de Novembro, 12h30

Com Ana Gonçalves

Afinal o que é “O regresso à pintura?”

Segunda-feira, 12 de Dezembro, 12h30

Com Bruno Marques

Actividades para famílias

Oficinas com arte, para pais e filhos

Duração aproximada: 2h30 · Marcação prévia · Criança+adulto: 5€ (preço único)

Um espaço de criação artística, mas também de novas e importantes complicitades.

Realizadores de documentários

Sábado, 15 de Outubro, 15h

Oficina de iniciação ao cinema documental inspirada no festival doclisboa

Luz, sombra... acção?!

Sábado, 19 de Novembro, 15h

Oficina de teatro de sombras

Objectos (in)úteis?

Sábado, 10 de Dezembro, 15h

Oficina de iniciação ao design



Actividades para crianças e jovens

Oficinas de expressões artísticas

Dos 7 aos 12 anos · Marcação prévia · Trimestre (Outubro, Novembro e Dezembro) 75€ (preço único)

Estas oficinas decorrem durante o 1º período. Inscrições abertas.

Todos os meses convidamos um artista diferente para acompanhar um grupo de crianças e jovens na descoberta do seu universo artístico.

Realizadores de documentários

Sábados, 8, 22 e 29 de Outubro, das 15h às 17h

Quartas-feiras, 12, 19 e 26 de Outubro, das 18h às 19h

Oficina de iniciação ao cinema documental inspirada no festival doclisboa

Luz, sombra... acção?!

Quartas-feiras, 2, 9, 16 e 23 de Novembro, das 18h às 19h

Sábados, 5, 12 e 26 de Novembro, das 15h às 17h

Oficina de teatro de sombras

Objectos (in)úteis?

Sábados, 3, 17 de Dezembro, das 15h às 17h

Quartas-feiras, 7, 14 e 21 de Dezembro, das 18h às 19h

Oficina de iniciação ao design

Celebra o teu dia de anos com arte

Dos 5 aos 12 anos · Duração aprox. 3h · Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças) · Marcação prévia · 175€ (por grupo) · Entrada gratuita aos pais acompanhantes

Dentro da galeria de arte ou com expressões artísticas variadas estas oficinas oferecem a possibilidade de uma festa fora do comum e em contacto com verdadeiros artistas.

Novas actividades e novos temas

Nesta temporada temos - uma vez mais - novas oficinas: do teatro de marionetas à expressão plástica passando pela expressão dramática e corporal.

Enquanto os mais novos se divertem... desafie os outros pais!

Enquanto o grupo de crianças está na oficina, convide os outros pais para uma actividade na galeria. Preparámos um percurso especial, divertido e envolvente, pelas exposições. Sabia que têm sido um sucesso?

Férias de Natal na Culturgest

De 19 a 23 de Dezembro · Dos 5 aos 7 anos · Dos 8 aos 12 anos · Marcação prévia

Oficinas de 5 sessões (de manhã ou de tarde)
40€ · Desconto de 30% aos colaboradores da CGD e na inscrição do segundo filho (desconto não acumulável)
Almoço disponível para inscrições de dia inteiro (inscrição prévia e sujeito a lotação limitada).
O desconto não é aplicável ao valor do almoço.

Possibilidade de acolhimento das crianças no horário entre as 9h e as 10h e as 17h30 e as 18h30 · 2€ · Taxa adicional diária · Inscrição prévia
Lotação limitada

[Dia 1 de Outubro, no nosso site, descubra como vão ser estas oficinas...](#)

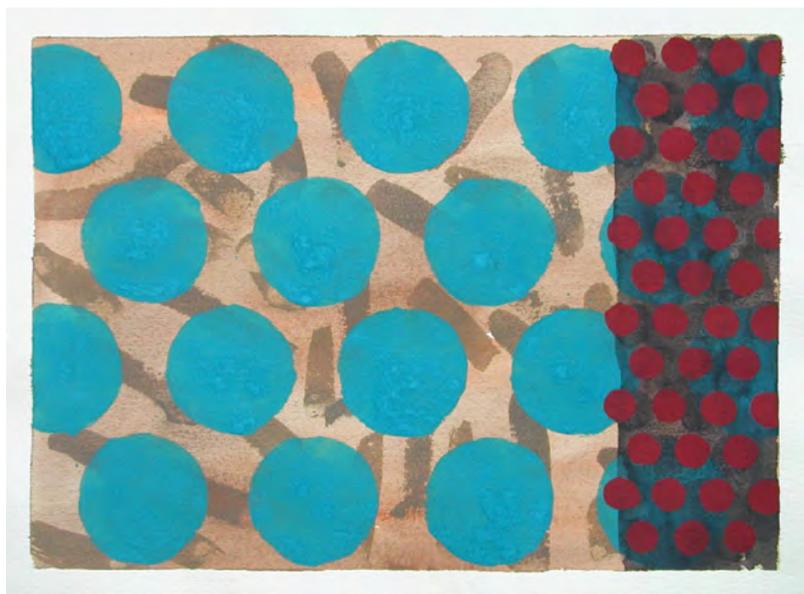
A LUZ

**Sombra, luminosidade, escuridão...
Quem tem medo do escuro, estas oficinas não faça não!**
Oficinas de expressões artísticas

Dos 5 aos 7 anos
Das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

Dos 8 aos 12 anos
Das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

www.culturgest.pt/se
Ou solicite o programa mensal do serviço educativo através do e-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt



José Loureiro. Sem título, 1995

Actividades para grupos: crianças, jovens e adultos *

doclisboa 2011 IX Festival Internacional de Cinema

Duração aproximada: 1h30 · Marcação prévia · 1,5€

Oficinas práticas durante o festival

doclisboa 2011
IX Festival Internacional de Cinema | 20 a 30 Outubro

Oficinas práticas e de continuidade da sessão assistida
3º ciclo e ensino secundário
Oficinas práticas de expressão artística.
Disponíveis apenas durante o festival. Lotação limitada.
Consulte também a programação exclusiva a professores.

Visitas jogo

Duração aproximada: 1h · Marcação prévia · 1€

José Loureiro
De 22 de Outubro
a 22 de Janeiro de 2012
Galerias 1 e 2

Para mais informações ver páginas 78 e 79



Riscos e rabiscos, estranhezas e outros imprevistos Pré-escolar
Quando risco estou a pensar? De um rabisco pode surgir um imprevisto? Que prazer é desenhar, descobrir novas cores, formas escondidas, por vezes estranhas, por vezes até bem nossas conhecidas.
Concepção Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

Desenhaduras e pinturenhos Pré-escolar
Nesta visita vamos encontrar uma nova forma de estar na galeria e de observar as obras de arte. Já alguma vez pensaste em como será um desenho movimentado? E como será desenhar em movimento? Vem descobrir como podemos misturar o desenho e o movimento enquanto desvendamos as obras do artista José Loureiro.
Concepção Diana Ramalho, Joana Ratão e Susana Alves

A dança do imprevisto Pré-escolar e 1º ciclo
Visita jogo que apresenta a exposição de José Loureiro através da expressão corporal.
Concepção Joana Ratão, Leonor Cabral, Tiago Cadete e Yola Pinto

Desenhos cruzados. Desenhos multiplicados 1º ciclo
A repetição é igual à imitação? As linhas podem ter várias formas e direcções? Entre tramas e padrões, José Loureiro cria infinitas variações. Vem descobrir como!
Concepção Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento



Mala pedagógica Disponível em suporte digital logo após marcação de visita à exposição.

* Solicite os nossos programas de divulgação, específicos para cada público.

Desenhos em movimento 1º ciclo

Visita jogo que interliga o movimento corporal, a expressão plástica e a experiência de visitar e aprender dentro da exposição de José Loureiro.

Concepção Diana Ramalho, Joana Ratão e Susana Alves

Linhas certas e ângulos arriscados 2º e 3º ciclos

Onde começa o erro e acaba o rigor? Em linhas cruzadas entre o olhar e o papel, vamos desvendar – camada a camada – o trabalho deste artista.

Concepção Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

Arqueologia do erro: novas relações para referentes habituais 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Sabemos que reúnes todas as competências para usares o teu corpo e a tua mente. Assim, lançamos-te o desafio para vires experimentar esta nova forma de visitar a galeria em que unimos a expressão corporal à expressão plástica... matéria, corpo e movimento!

Concepção Diana Ramalho, Joana Ratão e Susana Alves

“Errar, errar de novo, errar melhor.”

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

De que modo o nosso corpo passa pelas obras de José Loureiro?

Concepção Joana Ratão, Leonor Cabral, Tiago Cadete e Yola Pinto

Erros planeados Ensino secundário

O erro pode ser aproveitado? O que dá azo ao acaso? As pinturas provocam novas pinturas? Nesta visita vamos descobrir a importância dos acidentes e das decisões, quanto peso uma memória e quanto espaço ocupa um gesto.

Concepção Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Alice Neiva

Ana Gonçalves

Ana Nunes

Ana Teresa Magalhães

André Castro

Ângela Ribeiro

Bruno Marques

Diana Ramalho

Irina Raimundo

Isabel Gomes

Joana Barros

Joana Batel

Joana Ratão

João de Brito

Leonor Cabral

Mariana Ratão

Mateus Sarmento

Pietra Fraga

Raquel Arada

Susana Alves

Tiago Cadete

Tiago Pereira

Visitas oficina

Inclui a visita à exposição · Duração aproximada: 2h · Marcação prévia. 2,50€

José Loureiro

De 22 de Outubro
a 22 de Janeiro de 2012
Galerias 1 e 2

Para mais informações
ver páginas 78 e 79

Riscos e rabiscos, estranhezas e outros imprevistos

Pré-escolar e 1º ciclo

Oficina prática de prolongamento criativo das experiências obtidas ao longo da visita à exposição de José Loureiro.

Concepção Irina Raimundo e Joana Ratão

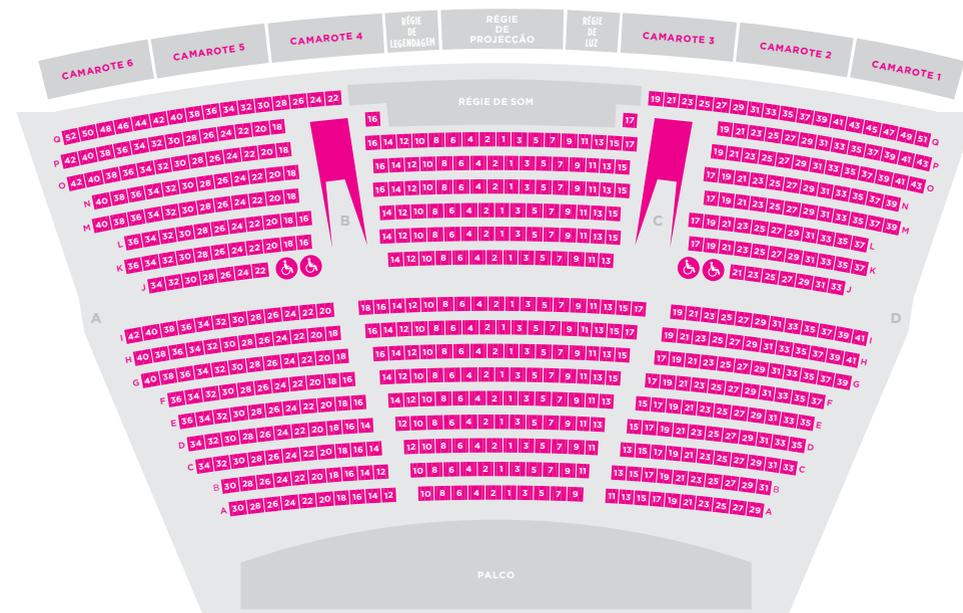
Erros planeados 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Oficina prática de prolongamento criativo das experiências obtidas ao longo da visita à exposição de José Loureiro.

Concepção Irina Raimundo e Joana Ratão

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03
Email: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
Horário de atendimento telefónico:
das 10h às 12h30 e das 14h30 às 17h30



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espectáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
Encerra aos domingos, feriados e nos períodos em que não há exposições.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: parque de estacionamento, bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

ALUGUER DE ESPAÇOS NO CENTRO DA CIDADE

AUDITÓRIOS · SALAS · ASSISTÊNCIA TÉCNICA · HOSPEDEIRAS

Informações 21 790 54 54

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

APOIOS



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber em sua casa
a programação da Culturgest telefone-nos,
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h
(última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espectáculo das 14h até à hora de
início do mesmo. Nos períodos em que não há
exposições: de segunda a sexta-feira das
11h às 19h. Sábados, domingos e feriados das
14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que
não há exposições patentes.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se
bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espectáculo.

SET OUT NOV DEZ 2011

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h
às 18h (última admissão às 17h45)
Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins-de-semana e feriados.
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55 · culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria
Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,
C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,
Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

CALENDÁRIO

